# pauta

JUNHO 2016
Nº 3

Revista do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais

## O 14º CONGRESSO DOS JORNALISTAS DE MINAS GERAIS

## OS VENCEDORES DO 9º PRÊMIO DÉLIO ROCHA

## O ENCONTRO DOS BLOGUEIROS EM BH

FERNANDO MORAIS . LAURA CAPRIGLIONE . EDSON MARTINS . NILSON . KERISON LOPES . BIA BARBOSA . JOSÉ MARIA RABÊLO . SÉRGIO UTSCH . ANA PAOLA AMORIM . JOÃO PAULO . POLLYANA FERRARI . RAYANA BARTHOLO . CARLOS CÂNDIDO . MARCO WEISSHEIMER . JOANA TAVARES . ROSANE BERTOTTI . JONAS VALENTE . PAULO MOREIRA LEITE

E MAIS: IVAN DRUMMOND . PAULINHO ASSUNÇÃO . GERALDO ELÍSIO . ÂNGELA CARRATO . GIZELLE FERREIRA . GIL SOTERO . VALÉRIA SAID . FILOMENA BOMFIM . HERALDO LEITE . MARIANA LACERDA . SIBELE FONSECA . SYMPHRONIO VEIGA

Jornalistas de Minas
Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais

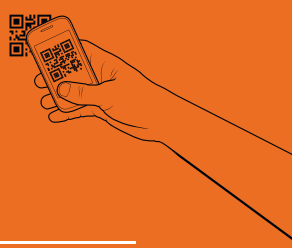
# FALE COM A CEMIG NO CONFORTO DO SEU LAR.

## A CEMIG ESTÁ COM VOCÊ ONDE VOCÊ ESTIVER.

BAIXE O APLICATIVO
**CEMIG ATENDE.**
ACESSE E RESOLVA.

Available on the iPhone App Store
ANDROID APP ON Google play
Windows Phone

Aponte o leitor QrCode de seu dispositivo



Saiba mais em **cemigatende.com.br**

CEMIG

MINAS GERAIS
GOVERNO DE TODOS

Foto Lidyane Ponciano

# GOLPE **NUNCA MAIS!**

Não é exagero afirmar que esta edição da Pauta é uma edição histórica. Nas matérias sobre o 14º Congresso dos Jornalistas de Minas Gerais, assim como na cobertura do encontro nacional de blogueiros que aconteceu em Belo Horizonte é a História que está registrada. História dos jornalistas, que discutem as transformações profundas na profissão, e História do Brasil, vítima de um golpe vergonhoso.

Se o retrocesso social representado pelo governo interino provoca tristeza, não é menos verdade que a brava resistência dos jornalistas, assim como de amplas parcelas do povo brasileiro, nos enche de orgulho e alegria. Pauta faz parte dessa resistência, e ao abrir espaço para análise do tema, pretende chamar atenção para o papel central desempenhado pela velha imprensa no golpe.

Mais uma vez os principais donos de jornais e revistas e concessionários de rádio e televisão confirmaram sua falta de compromisso com a democracia e o flerte com o autoritarismo. Assim como aconteceu em 1964 e em golpes anteriores, não se contentaram em apoiar os golpistas, mas os incentivaram e lideraram, manipulando de forma escabrosa a opinião pública. Graças à nova mídia, às redes sociais, aos correspondentes como Glenn Greenwald e à imprensa estrangeira (conforme está bem pontuado no artigo de Sérgio Utsch), a tentativa de esconder o golpe sob o nome de impeachment não teve êxito.

Os jornalistas não se confundem com os posicionamentos das empresas nas quais trabalham e o 14º Congresso comprovou isso. Os artigos e matérias publicados nas páginas seguintes expressam o ponto de vista crítico da categoria. Defensores legítimos, sinceros e permanentes da liberdade, sem a qual seu trabalho não pode existir, os jornalistas brasileiros repetem em alto e bom: golpe nunca mais!

***Kerison Lopes,*** *presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais*

**Pauta** é uma publicação do **Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais** gestão 2014-2017.

**Diretoria Executiva:**
Kerison Lopes – Presidente
Alessandra Mello – Vice-presidente
Verônica Pimenta – Diretora Secretária
Marcelo Fiuza – Diretor Financeiro
Bruno Couto – Diretor de Fiscalização
**Diretoria Setorial:** Aloísio Morais Martins – Diretor de Organização Administrativa
Marcelo Portela – Diretor de Saúde
Andrea Castello Branco – Diretora de Formação Profissional
Mariana Viel – Diretora de Integração com Escolas de Comunicação
Artenius Daniel – Diretor Cultura
Gildemir Lima – Diretor de Comunicação
Arlan França – Diretor de Assessorias de Comunicação
Gê Alves – Diretora de Relações Institucionais
Rômulo Moreira – Diretor de Direito Autoral e Imagem
Neide Pessoa – Diretora de Aposentados e Previdência
Rogério Hilário – Diretor Jurídico
José Augusto Filho – Diretor Regional Norte
Francisco Pereira – Diretor Regional Sul
Erival Alves – Diretor Regional Triângulo e Alto Paranaíba
Paulo Sérgio de Oliveira – Diretor Regional Leste
**Conselho Fiscal:**
Marcos André Ribeiro – Efetivo
Marcos Erlan – Efetivo
Eduardo Motta – Efetivo
José Milton Santos – Suplente
João Paulo Dias – Suplente
Luís Carlos Bernardes – Suplente

**Colaboraram nesta edição:** Alexandre Carvalho, Alison João, Ana Paola Amorim, Ângela Carrato, Carlos Cândido, Cláudio Cunha, Eder Bronson, Edson Martins, Filomena Bomfim, Geraldo Elísio, Gil Sotero, Gizelle Ferreira Barbosa, Heraldo Leite, Ivan Drummond, Jackson Romanelli, Joana Tavares, João Paulo, Jonas Valente, José Maria Rabêlo, Kerison Lopes, Lidyane Ponciano, Marcelo Pinheiro, Marcelo Prates, Mariana Lacerda, Nilson, Paulinho Assunção, Sérgio Utsch, Sibele Fonseca, Symphronio Veiga, Valéria Said.
**Projeto gráfico:** Jacqueline Arimura (Vilarejo Comunicação)

**Endereço:** Avenida Álvares Cabral, 400, Centro, Belo Horizonte, Minas Gerais, CEP 30170-000. Telefone: (31)3224-5011.

Distribuição gratuita. Junho de 2016.

Jornalistas de Minas
Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais

## NESTA EDIÇÃO


3 EDITORIAL
6 JOSÉ MARIA RABÊLO
7 JOÃO PAULO
8 EDSON MARTINS
9 ANA PAOLA AMORIM
10 JOANA TAVARES
11 SÉRGIO UTSCH
12 RAYANA BARTHOLO
13 JONAS VALENTE
14 CARLOS CÂNDIDO
15 NILSON
18 FERNANDO MORAIS
20 RESISTIR À PRECARIZAÇÃO
22 UM SER DE MÍDIA
23 A HORA E A VEZ DOS JORNALISTAS
24 JORNALISTAS ESCRITORES
32 CAMPANHA CONTRA O GOLPE
33 JORNALISMO DE CREDIBILIDADE
34 INTERNET AMEAÇADA
36 COMUNICAÇÃO PÚBLICA
38 ÂNGELA CARRATO
39 HERALDO LEITE
40 IVAN DRUMOND
42 VALÉRIA SAID
44 FILOMENA BOMFIM
46 GIL SOTERO
48 GERALDO ELÍSIO
49 GIZELLE FERREIRA
63 SIBELE FONSECA E MARIANA LACERDA
64 SYMPHRONIO VEIGA
66 PAULINHO ASSUNÇÃO

**CAPA:**
FOTO DE MAXWELL VILELA

# 5 OS JORNALISTAS E O GOLPE

Foto: Lidyane Ponciano / CUT Minas

## 16 JORNALISTAS MINEIROS REALIZAM SEU 14º CONGRESSO

## 25 SINDICATO ENTREGA O 9º PRÊMIO DÉLIO ROCHA

## 30 BLOGUEIROS FAZEM ENCONTRO NACIONAL EM BH

## 50 UMA HISTÓRIA DE DESRESPEITO AOS TRABALHADORES

# OS JORNALISTAS E O GOLPE

*Foto: Marcelo Pinheiro*

Editada no meio de um golpe no qual o jornalismo é o centro, esta Pauta não poderia ter outro assunto principal. A sucessão dos fatos tornou difícil a escolha da manchete: Jornalistas contra o golpe? Os jornalistas depois do golpe? Os jornalistas e o golpe derrotado? Sabíamos apenas que os jornalistas e o golpe estariam na capa e nossos colaboradores escreveram sobre o tema. Dois encontros ocorridos em Belo Horizonte no período contribuíram para enriquecer o conteúdo da revista: o 14ª Congresso dos Jornalistas de Minas Gerais e o 5º Encontro Nacional de Blogueir@s e Ativistas Digitais.

Os acontecimentos precipitam-se com impressionante velocidade, talvez por estarmos vivendo um "momento total", como o definiu Paulo Moreira Leite – ele próprio colhido pelo golpe, com o cancelamento do programa de entrevistas que ancorava na TV Brasil, "Espaço Público". O que previu Fernando Morais na conferência de abertura do 14º Congresso, antes portanto que o vice-presidente Michel Temer assumisse o governo, já se confirmou.

Além de registrar a História, Pauta mostra como os jornalistas podem interferir nela, unindo-se neste momento decisivo da vida nacional e fortalecendo o jornalismo. É o que está publicado nas páginas seguintes.

# A GRANDE MÍDIA E SEUS INTERESSES

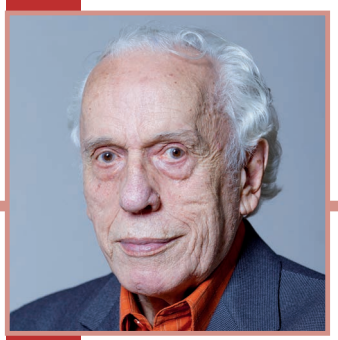
JOSÉ MARIA RABÊLO

Para compreender a conduta da grande mídia, é preciso compreender outros problemas relacionados à política nacional e internacional. No caso da hostilidade contra Lula, Dilma e o PT, que tem sido a marca invariável de nossos meios de comunicação, decorre dos próprios interesses que estes órgãos representam. Já o disse algumas vezes e volto a relembrá-lo, tal posição é determinada mais pelos acertos do que pelos possíveis erros dos governos petistas. Trata-se de uma posição política, de motivação ideológica.

Quem conhece nossa História sabe perfeitamente da tradição entreguista, subordinada ao jogo das grandes potências, de nossos jornais, rádios e tevês. Não aceitam em nenhuma hipótese qualquer governo popular, de linha nacionalista, aqui e no exterior. Todos os que se insurgem contra essa dialética entreguista foram ou são alvo da mesma hostilidade. Assim aconteceu com Getúlio Vargas, levado ao suicídio por uma implacável campanha que não respeitou nenhum limite; ou João Goulart, vítima do golpe de 1964; Brizola, em suas duas administrações, no Rio, e outros líderes populares.

Diante dos governos petistas, que têm o respaldo de outras forças progressistas, a atitude dos órgãos de imprensa é idêntica. Não aceitam que o poder público aja preferentemente a favor dos trabalhadores, dos mais pobres, da maioria da população. O que combatem, na verdade, sob a alegação da luta contra a corrupção, é o que os governos petistas realizaram de positivo: 23 novas universidades públicas; a possibilidade de ingresso nelas de negros, índiose mestiços; o Bolsa Família, considerado pelos especialistas o maior programa contra a miséria em todo o mundo; o Minha Casa, Minha Vida, com cerca de cinco milhões de residências entregues às famílias pobres; o programa Mais Médicos, levando assistência médica aos mais distantes rincões do território nacional; a nova lei das domésticas, que retirou da verdadeira escravidão em que se encontravam centenas de milhares de trabalhadoras; o apoio dado ao pré-sal, o mais bem-sucedido programa mundial de exploração de petróleo em águas profundas; a posição independente de nossa política externa, aberta a todos os países; e o real empenho contra a corrupção, garantindo à Justiça, ao Ministério Público e à Polícia Federal a possibilidade de atuar soberanamente contra os assaltantes do patrimônio público, abrindo a porta dos cárceres para os ladrões de gravata e não apenas para os pés de chinelo.

Para nós, jornalistas, é muito triste ver esse papel desmoralizante da grande mídia, mas não é novidade. Tem sido assim, com raríssimas exceções, ao longo do tempo. Uma das exceções, e eu o digo com o maior orgulho, foi o Binômio, um dos precursores da moderna imprensa alternativa brasileira, que eu e meu colega Euro Arantes fundamos na década de 1950, que acabou depredado pelos militares durante o golpe e impedido de continuar circulando. Por ser independente e contrariar os poderosos da época.



*JOSÉ MARIA RABÊLO*
*é vice-presidente da Casa do Jornalista.*

foto CLÁUDIO CUNHA

# MILITANTE DA CONTRADIÇÃO

JOÃO PAULO

Não há meias palavras: a imprensa brasileira foi articuladora, fiadora e executora do golpe contra a democracia brasileira. É fácil apontar as baterias para os grandes veículos, para a hegemonia conquistada à custa de favores históricos com a ditadura e o grande capital, para o reforço sistemático do conservadorismo que rearticulou o sentido simbólico da reação. Os culpados são sempre os outros.

O jornalista aparece no meio dessa trama como a parte fraca. O empregado que precisa se manter e por isso se submete ao comando da linha editorial de seu veículo. O profissional que cumpre sua missão de informar, mas é tolhido da integridade de seu trabalho por ações posteriores de deturpação e censura. O cidadão que precisa separar sua consciência do resultado da informação que entrega para a sociedade.

O que vou falar não é agradável. Talvez nem seja muito justo. Mas é preciso reconhecer que entre os imperativos do negócio – com sua nítida sustentação ideológica – e a prática profissional, há menos conflito que deveria. Essa aparente consonância constrangida é um fenômeno que, se não é novo, se torna cada vez mais usual. Tempos canalhas geram comportamentos tíbios. Mas permitem também a retomada de valores que vêm sendo esmaecidos pela leniência ancorada na aparente desmesura de forças. Nem as empresas são tão poderosas, nem os jornalistas são tão suscetíveis.

A cobertura da crise política seguiu o roteiro dos interesses dos golpistas. Da criação da histeria contra a corrupção à geração do entusiasmo reacionário que reavivou o protagonismo da classe média, as etapas foram cumpridas com todo o cuidado. A sequência dos escândalos, a demonização dos movimentos sociais, a recrudescência do machismo, as estratégias de formação da vertente salvacionista em economia. Fatos e interpretações se alternavam, como num zanga-burrinho. O moralismo puxava as opções políticas. A crise era sempre corolário das alternativas ultraliberais em economia.

Os jornalistas que cumpriram esse papel não devem ser anistiados pelas condições de seu tempo e de suas necessidades individuais. Sabiam o que estavam fazendo. Entre a submissão e a revolta há muitas estações. Algumas objetivas e diretas: desobediência, pensamento crítico, objeção de consciência. Outras mais simbólicas: ironia, inteligência, instilação da dúvida. E ainda as de corte corporativo: fortalecimento da categoria, uso de espaços públicos de denúncia, criação de focos de resistência. Sem falar nas mais radicais: procurar sua turma e inaugurar novos canais de voz.

Há algumas décadas, era comum falar em espaços de contradição no jornalismo. Todo repórter e editor já sofreu na carne o peso da mão patronal com sua truculência habitual. No entanto, era próprio da profissão fazer valer o fato de que, ainda que submetida a pressão, a informação vinha das ruas e era colhida e tratada por pessoas. Era nessa operação que a contradição surgia como possibilidade real no dia a dia. Uma forma de dizer, com a elegância possível e merecida: tirem as patas dos meus fatos.

O jornalista, cada vez mais, precisa ser um militante da contradição. Cavar espaços, defender posturas na contramão, fortalecer alianças, apostar na pluralidade. Dentro das estruturas, se for inevitável; criando novas circunstâncias, se for capaz. No momento em que as grandes discussões sobre o futuro da profissão parecem se submeter aos ditames da tecnologia e do mercado cada vez mais concentrado e fordista, o aguilhão talvez seja outro. Está na hora de deixar a técnica de lado para debater a ética.

*JOÃO PAULO é jornalista, formado também em filosofia e psicologia. É colunista do jornal Brasil de Fato e presidente do BDMG Cultural.*

foto CLÁUDIO CUNHA

# UM PROJETO DE JORNAL POPULAR

EDSON MARTINS

A plutocracia tem a sua mídia. É uma voz poderosa que defende suas ideias e interesses com a mesma voracidade com que saqueia os cofres do Estado. Não mede esforços, não poupa consciência, independe de caráter. A caça aos recursos públicos é infrene, incessante. E tem quadros. Precisa de colunista, eis um, dois, dezenas. Carece de comentarista, mais uns tantos. Editorialista, pensador, especialista em tudo, intelectual obediente, a mídia de plutocracia os tem amanhados, disponíveis aos magotes, melhor, matilhas.

Esse exército canino sempre esteve ali, a postos, pronto a elaborar uma narrativa oportunista e com inequívoca capacidade de reverberação. Os exemplos campeiam, estão nas rádios, TVs, jornais e revistas. A ocorrência do impeachment foi uma história desenhada e desenvolvida com exatidão.

A mídia golpista teve sucesso. E isso desde sempre, com maior visibilidade em 54, 61, 64 e agora, em 2016. Parece até um filme revisitado.

Ficou para o jornalismo presente relatar outra história.

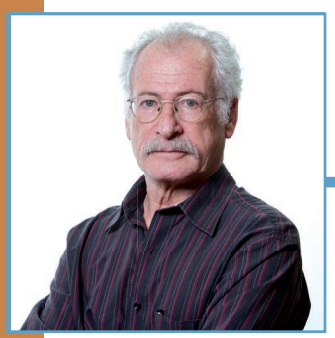
Há caminhos. A emergência do universo digital contribuiu para a formação de um exército de comunicadores com grande capacidade de formulação e arregimentação. O volume, a diversidade, a velocidade e a riqueza do conhecimento difundido pelo mundo digital têm grande dimensão. Mas seu alcance tem limites, seu universo é redundante. É um discurso recorrente a convertidos, redunda em virtuosa formação, mas não chega ao grande público, não alcança o cidadão de ainda escassa habilidade em consumir o produto digital.

O que fazer?

A grande massa popular consome informação majoritariamente fornecida pela televisão e por rádios, sabidamente ambientes contaminados. Jornais populares, gratuitos ou quase, reproduzem esse discurso viciado. São veículos sem qualificação para conquistar corações e mentes, mas a repetição diuturna do mantra reacionário produz a retenção acrítica da informação, justamente a intenção da plutocracia.

Um jornal popular que faça a interface analógico-digital e que contemple a linguagem, a abordagem e o conteúdo de blogues progressistas desmistificará a mensagem viciada da mídia plutocrática e fornecerá as ferramentas para contraponto ao conservadorismo.

Um projeto que não se perca na reprodução do jornalismo burguês, burocraticamente dividido em editorias e seções. Um jornalismo com lado definido e disposição para manchetar verdades que despertem cidadãos desatentos, diuturnamente expostos ao veneno ideológico instilado pela mídia reacionária.



*EDSON MARTINS é jornalista.*

foto CLÁUDIO CUNHA

# OS INIMIGOS DA LIBERDADE

ANA PAOLA AMORIM

Em 1935, quando Getúlio Vargas reformulou a Lei de Segurança Nacional para deixá-la mais rígida e controladora das opiniões na sua luta contra a "ameaça comunista", contou com o apoio de setores importantes da mídia. Pelo menos Assis Chateaubriand e os Mesquita defenderam abertamente a censura.

Durante o Estado Novo, foi formada a primeira grande rede de mídia no Brasil: os Diários Associados.

Em 1954, setores mais influentes da mídia também participaram da tentativa de golpe que levou Vargas ao suicídio.

Em 1964, novamente setores mais influentes da mídia participaram ativamente do golpe de Estado.

A mesma mídia que participou do golpe se promoveu com ele. As imprensas que eram contrárias saíram de cena: as que não sofreram perseguição política direta minguaram por problemas financeiros. Aos amigos, pelo contrário, todas as benesses. Em 1965, novamente em período autoritário, forma-se a outra grande rede nacional de mídia, ainda maior e mais poderosa: a Rede Globo.

A história de 2016 está aí, em curso, não preciso descrever tanto e não foi nenhuma novidade, pois o partidarismo da mídia já vinha se mostrando há tempos. E de uma maneira tão aberta que em 2010 a então presidente da ANJ, Judith Brito, não se importou de admitir publicamente que a imprensa estava a fazer o papel de oposição.

Como se vê, historicamente, a mídia tradicional do Brasil participou como sócia dos momentos de ruptura democrática. Os perseguidos sempre foram majoritariamente os jornais de esquerda – notadamente a imprensa sindical e a imprensa popular. Nos anos 1930 e nos anos 1950, as propostas de promoção de uma comunicação pública, encabeçadas por Roquete Pinto, foram abortadas por interesses dos grupos empresariais de mídia que Vargas acreditava (ou queria acreditar) que poderia controlar e administrar em benefício próprio. Os governos Lula e Dilma também sofreram da mesma "ingenuidade", para simplificar o assunto no espaço que cabe neste artigo.

O bombardeio a qualquer iniciativa de comunicação pública minou o espaço para uma imprensa plural e democrática. Sem isso, fica aberto o caminho para corromper a opinião pública e ampliar o controle também, e sobretudo, sobre os profissionais, pois são poucos os grupos que dominam os poucos postos de trabalho que se formam.

Os jornalistas não temos o direito de nos iludir. Não há e nem nunca houve uma atuação desinteressada da mídia. E nem nunca haverá. Mídia concentrada, exclusivamente comercial e antidemocrática só interessa aos que querem manter privilégios.

Jornalista tem de ser contra o controle concentrado. De qualquer natureza.

*ANA PAOLA AMORIM*
*é jornalista e doutora em Ciência Política.*

foto CLÁUDIO CUNHA

# A **RETÓRICA** DA INTRANSIGÊNCIA

JOANA TAVARES

Acompanhar a política nacional não tem sido tarefa fácil. Esse sentimento de urgência e necessidade de atualizações para 'entender o que está acontecendo' tem vários efeitos possíveis. Um deles é a ideia de que nada vai mudar, que não adianta fazer nada. Como classificou Hirschmann no atualíssimo livro "A retórica da intransigência", seria a tese da futilidade, que defende que as mudanças são sempre ilusórias, pois as estruturas de fundo permanecerão intactas.

Mas é preciso refletir sobre o contexto em que esses efeitos da saturação de informações se sustentam atualmente: o poder imenso e aparentemente incontrolável dos grandes meios de comunicação.

A criação da tese da corrupção como grande mal do Brasil e o roteiro de construir e apontar culpados levou a um clima social de perseguição ao PT e à presidenta eleita. A narrativa do golpismo não começou agora. São meses de matérias, escândalos, destaques e absurdos para sustentar a ideia de que 'o povo não aguenta mais tanta roubalheira'.

O quadro quase surreal que se seguiu foi o afastamento de uma presidenta contra a qual não há prova ou mesmo acusação de corrupção direta. Quem decidiu por sua saída, ao contrário, foi uma maioria de deputados e senadores alinhados à torpe corrupção neocoronelista. O tênue argumento das 'pedaladas fiscais' não seria suficiente para convencer os cidadãos, e por isso sumiu das justificativas dos deputados e não aparece também no senso comum como motivo para o impeachment em curso.

Esse roteiro foi criado pela mídia hegemônica. Ela é a grande responsável por tentar levar as pessoas a acreditar que o país precisava de uma mudança materializada no afastamento simbólico de um projeto petista de poder. Não importaram os fatos, apenas a narrativa.

O ponto fora da curva foi a reação popular. Apesar de todo o esforço orquestrado das grandes estruturas de poder – setores do Judiciário, do Congresso e da mídia – o golpismo parece ter perdido no seu núcleo: o convencimento.

Os atos de rua – espontâneos e organizados – em todas as regiões do Brasil demonstram que a saída apresentada não contentou a população, não foi suficiente. Por isso os mesmos grandes meios tentam agora reescrever e acrescentar novas nuances ao enredo golpista, queimando uns para preservar outros (desta vez do mesmo lado), mas ainda sem admitir não só a participação, como o posicionamento e direção na construção do golpe.

Paradoxalmente, essa profunda crise de representatividade e verdade da mídia aumenta a responsabilidade dos jornalistas. Separar opinião de fato, apresentar o contraditório, aprofundar as reflexões, ouvir o coro dos descontentes, respeitar a organização popular e mostrar as saídas elaboradas fora dos ninhos de poder é tarefa imprescindível para a democracia brasileira. E ela pode ser tocada por trabalhadores da notícia, desde que sejam capazes de reconhecer a intransigência dos conservadores e se somarem na aposta de que é possível a transformação profunda e real da política.

*JOANA TAVARES é editora do Brasil de Fato Minas Gerais. .*

# O IMPEACHMENT VISTO DE FORA

SÉRGIO UTSCH

Uma análise isolada da cobertura da imprensa internacional sobre o afastamento da presidente Dilma Rousseff pode dar margem a uma interpretação limitada da percepção do mundo sobre a crise política brasileira.

A potência emergente que tirou milhões de pessoas da pobreza e liderou um novo conceito geopolítico começou a descer a ladeira no noticiário internacional pouco antes da Copa do Mundo, com a notícia dos gastos exorbitantes nos estádios construídos e reformados para o torneio. Fora do Brasil, a lua de mel com a ex-guerrilheira e primeira mulher a presidir o Brasil durou pouco.

A mídia nunca poupou o governo Dilma Rousseff de críticas. Além dos gols contra antes da Copa, as questionáveis opções que a presidente afastada fez na condução da economia, os inúmeros casos de corrupção no seio do petismo e as alianças políticas espúrias começaram a pipocar no noticiário internacional com mais frequência depois que manifestantes tomaram as ruas das cidades brasileiras em 2013.

O movimento cívico contra a corrupção era um enredo perfeito e fácil pra explicar ao mundo. Assim como aconteceu no Brasil, colocar toda a culpa da revolta e dos problemas na conta do governo federal e da presidente Dilma também foi uma estratégia adotada pelos estrangeiros. As prisões e acusações da Operação Lava Jato, descrita aos gringos como "Car Wash" e o início da recessão econômica reforçaram a percepção de um Brasil extremamente problemático.

O espaço dedicado à política brasileira ganhou proporções nunca antes vistas à medida em que se aproximava a votação do impeachment no Congresso Nacional. Longe do calor e das incoerências do "Fla-Flu" político que tanto influenciaram o produto jornalístico entregue aos brasileiros, a mídia estrangeira, por outro lado, aprofundou a sua análise. Foi quando o público de diversos países foi beneficiado pelo pragmatismo que faltou no cardápio disponível por aqui.

O roteiro da "luta contra a corrupção" alcançou o auge da incoerência na histórica votação de domingo, quando a sociedade brasileira foi apresentada ao mundo pelo discurso de seus representantes. A partir daí, mais do que antes, a crise foi traduzida em outras línguas com uma outra premissa.

A notícia que correu o mundo foi a de uma presidente contra a qual não havia nenhuma acusação de corrupção sendo julgada por políticos de currículo nada elogiável. O britânico The Guardian e o norte-americano The New York Times denunciaram em editoriais o que viram como falta da clareza necessária para depor um Presidente da República. Até mesmo publicações pouco simpáticas ao governo Dilma e mais alinhadas à direita como a The Economist e o Financial Times deixaram claro para os seus leitores que o pedido de impeachment era juridicamente frágil. A The Economist, por exemplo, defendeu a renúncia da presidente.

Campeões mundiais do pragmatismo, os alemães fizeram uma contextualização histórica. Em artigo no Suddeustche Zeitung, maior jornal da Alemanha, o público do país leu a seguinte frase: "O orgulhoso Brasil terá de se acostumar quando os historiadores colocarem o nome do país ao lado de Honduras e Paraguai, onde presidentes também foram retirados do poder de maneira questionável".

Também causou estranheza aos estrangeiros algo visto de maneira pouco crítica no Brasil: o vice que conspira abertamente contra a companheira de chapa. A formação do governo interino foi a cereja do bolo. Consagrou aquela frase erroneamente atribuída ao ex-presidente francês Charles De Gaulle, mas que saiu de fato da boca do ex-embaixador do Brasil na França, Carlos Alves de Souza Filho: "O Brasil não é um país sério".

É assim que nos veem e que nos descrevem lá fora.

*SÉRGIO UTSCH é correspondente do telejornal SBT Brasil em Londres.*

# VOCÊ TEM FOME DE QUÊ?

RAYANA BARTHOLO

Enquanto o país vive um turbilhão de sentimentos e indignação, nossa mocidade arde. Clama por ser ouvida. E grita, grita. Berra para não ser calada. A juventude de outrora, que havia conquistado vários direitos, assiste aos seus meninos serem podados por um golpe que tem nome e sobrenome "Escola sem partido".

O Projeto de Lei 867/2015, de autoria de Izalci Lucas (PSDB-DF), defende a "neutralidade política, ideológica e religiosa do Estado, como reconhecimento da vulnerabilidade do educando como parte mais fraca na relação de aprendizado". Para Izalci, o intuito é mostrar aos professores que eles não podem falar o que querem nas salas de aula. Só assim, segundo ele, conseguiremos um ambiente de estudo que contemple as ideias de todos os partidos. O autor afirma que os professores exercem influência sobre as crianças, que, por sua vez, influenciam os pais dentro de casa. Izalci diz que o projeto é uma luta contra o discurso petista, ao mesmo tempo em que alega que o objetivo é incluir a fala de todos os partidos nas instituições de ensino.

Diante desses fatos, busco na memória as lembranças dos meus primeiros meses de faculdade, quando ouvi de diversos mestres que eu deveria ser imparcial. Isso me causou certa indignação, mas, por respeito, me esforcei para entender o significado da mensagem recebida. Travando uma batalhando interna e procurando ajuda, consegui assimilar o que existe de útil no ensinamento. Mas ainda não creio em imparcialidade. Seja na seleção dos entrevistados ou na organização do conteúdo, direta ou indiretamente, a imparcialidade jornalística, na minha concepção, é o compromisso com a verdade agregado à visão ímpar de quem escreve.

Resgatei essa memória universitária porque creio que uma escola sem partido seria uma escola imparcial. E a imparcialidade não existe. Citando a minha própria vivência no exercício do jornalismo, a seleção de um entrevistado me torna parcial. Não falar sobre partidos e ideologias já assume, de antemão, o lado do opressor. A escola sem partido tem nome sobrenome e, principalmente, partido.

Como já é debatido há algum tempo, os alunos não são meros receptores de conteúdo. Eles agora são prosumidores, que não só produzem como reproduzem o que acreditam. A tecnologia abriu portas e a educomunicação entregou as ferramentas que possibilitam nossos meninos a participar ativamente dos assuntos mudanos, sejam eles políticos ou não.

A informação não está apenas na sala de aula e os jovens têm sede de conhecimento assim como seus pais tinham quando jovens, mas com muito mais possibilidades de acesso à informação. Diferentemente de seus genitores, eles possuem uma gama quase infinita de conteúdos que se renovam constantemente. Por isso, o que incomoda não são os professores transmitindo ideias para seus alunos. O que preocupa é uma juventude capaz de influenciar lares, empoderados e instruídos, construindo seus próprios pensamentos e pontos de vista. Um professor que forma opiniões pode ser controlado, mas uma geração inteira crescendo com voz própria trará problema. E dificilmente será influenciada. Eles têm fome de opinião. E você, tem fome de quê?

*RAYANA BARTHOLO é jornalista e educomunicadora, membro da ONG Internet Sem Fronteiras.*

# GOVERNO INTERINO AMEAÇA PROJETO DA COMUNICAÇÃO PÚBLICA

JONAS VALENTE

A chegada do governo interino que assumiu após a derrubada da presidenta Dilma Rousseff por meio do processo de impeachment, sem que se tenha comprovado crime de responsabilidade, vem com ameaças sérias ao projeto da comunicação pública, em especial à Empresa Brasil de Comunicação. A EBC é mantenedora da TV Brasil, da Agência Brasil, do Portal EBC e de nove rádios, entre elas as tradicionais Rádio MEC, Rádio Nacional e Rádio Nacional da Amazônia. Ela foi criada em 2007 como expressão do sistema público previsto na Constituição Federal, avançando em relação às estruturas de comunicação governamental que existiam antes.

O primeiro ato do governo interino foi um ataque à Lei da EBC: destituiu o diretor-presidente Ricardo Melo ignorando o mandato deste até 2020 garantido pela norma. Não se trata aqui de defender nome x ou y, até porque as entidades representativas de trabalhadores foram as mais críticas às gestões anteriores da empresa, mas de zelar pelos mecanismos previstos na Lei que diferenciam o sistema público da comunicação governamental: um Conselho Curador composto por representantes da sociedade, dos trabalhadores e do Executivo, uma Ouvidoria com prerrogativas de receber reclamações e fazer a crítica interna e os mandatos fixos do diretor-presidente e do diretor-geral, não coincidentes com o do presidente da República, bem como o poder de destituição limitado ao Conselho.

Mais grave. O secretário de comunicação da Casa Civil, Márcio Freitas, afirmou em reunião com entidades de trabalhadores que o governo interino quer editar uma Medida Provisória mexendo na Lei da EBC. Talvez quando esta publicação estiver na rua a EBC já poderá ser outra. Especula-se que entre as mudanças estaria a fusão dos veículos estatais, como o canal NBR, com os públicos, indo totalmente de encontro à separação necessária defendida por especialistas e entidades da sociedade. Representantes do governo interino já teriam sinalizado que desejam diminuir os poderes do Conselho Curador, o que atacaria frontalmente este importante instrumento de autonomia.

Em um país com uma mídia concentrada como no caso do Brasil, a comunicação pública faz-se fundamental para buscar apresentar conteúdos diversos e plurais e promover o debate sobre os temas de relevância nacional. As gestões anteriores tiveram vários problemas em tentar cumprir estes objetivos, questões que foram apontadas reiteradamente pelo Sindicato dos Jornalistas do DF e por outras entidades de trabalhadores. Mas isso não pode ser usado como discurso para atacar o projeto da comunicação pública ou para "trocar o sinal", indo do partidarismo pró-a para o partidarismo pró-b.

*JONAS VALENTE é jornalista, coordenador-geral do Sindicato dos Jornalistas do DF.*

foto ALEXANDRE CARVALHO

# SEMPRE NO PODER

CARLOS CÂNDIDO

Folheio despretensiosamente o livro "Frente Minas Popular 1994 Memória", da Merrina Delgado, e logo encontro, além de dedicatória carinhosa, material para reflexão. Publicado em agosto de 1995, é um livrinho de fotos com legendas, prefácio dos autores (além da Merrina, Hilton Viotti) e apresentação assinada pelo Lula, que fala da importância da obra para "recordar e reaprender" a campanha eleitoral de 1994.

O fato é que já nas primeiras páginas estão dois registros premonitórios: em 26 de junho a imprensa começa campanha contra o vice de Lula, o senador José Paulo Bisol, do PSB, numa enxurrada de acusações não comprovadas pela Justiça, mas que acabará por afastá-lo da chapa; no dia 1º de julho FHC, então ministro da Fazenda, lança o Plano Real.

O Plano Real elegerá FHC naquele ano e será o gesso da economia brasileira nas décadas seguintes, o enquadramento do país na nova ordem neoliberal mundial, à qual até os governos do PT se curvaram, "realisticamente". O PT também se curvou à imprensa, percebendo, desde o caso Bisol, o que ela é capaz de fazer em uma campanha eleitoral. O denuncismo, inaugurado contra o então presidente Collor, se tornaria o filão da imprensa na sua escalada para o poder e escândalo se tornaria sinônimo de notícia.

A deprimente degeneração geral do Brasil em 2016 é o espelho da própria imprensa que a retrada. Ela demonstra que os barões da mídia são os verdadeiros donos da nação. Todos os poderesos passam, exceto eles; todo poder se perde, exceto o deles.

Ao manipular instrumentos poderosos de comunicação os donos da imprensa são capazes de contrariar os interesses de duzentos milhões de brasileiros; impelem para as ruas e janelas multidões de protestantes; manejam o Congresso, o STF, o Ministério Público, a Justiça e a Polícia Federal; levam à falência e às prisões empresas e empresários que movimentam bilhões e empregam milhões; revertem, enfim, a vontade da maioria dos eleitores, expressa nas urnas, para conduzir ao governo seus títeres e fantoches.

Formalmente, o voto e a vontade da maioria são a base da democracia, afirmada no primeiro artigo da Constituição. Na prática, o poder da imprensa, exercido dia após dia, é muito maior, capaz de mudar os resultados das urnas.

Enquanto o Brasil vive o desfecho o conflito entre as urnas e a mídia, no golpe dos poderes sem voto contra os poderes eleitos pelo voto, o livro de Merrina e Viotti ganha importância ainda maior do que supôs Lula no texto escrito em 1995. Ele registra o momento em que, por trás do poder aparente das ruas e das urnas, instala-se no Brasil uma nova ordem. Ordem na qual, seja qual for a escolha das urnas, o partido da imprensa está sempre no poder.

*CARLOS CÂNDIDO é jornalista, autor dos livros "Meninada, o que a gente vai fazer hoje?", "60 anos de grandes obras e histórias – a construção do Brasil" e "Japoneses no Vale do Aço".*

foto CLÁUDIO CUNHA

QUERO SER MINISTRO DA FAZENDA. VOU PRIVATIZAR TUDO!
QUERO SER MINISTRO DA SAÚDE. VOU PRIVATIZAR O SUS!
QUERO SER MINISTRO DA AGRICULTURA. VOU DEIXAR OS SEM-TERRA SEM TERRA E OS ÍNDIOS TAMBÉM!
QUERO SER MINISTRO DO TRABALHO VOU ARROCHAR OS SALÁRIOS!
QUERO SER MINISTRO DA JUSTIÇA! VOU COMBATER A CORRUPÇÃO!
CALMA GENTE. AINDA NÃO TIRAMOS A DILMA...
NÃO VAI TER GOLPE
ARMÍNIO
SERRA
CAIADO
SKAF
CUNHA
TEMER

MENINA! VIM DE MIAMI CORRENDO PRA PROTESTAR CONTRA A CORRUPÇÃO..
..NO METRÔ DE SÃO PAULO E O DESVIO DA VERBA DA MERENDA NO GOVERNO ALCKMIN?
NÃO! CONTRA AS..
A MENTIRA DO DÉFICIT ZERO E OS AEROPORTOS DO AÉCIO?
NÃO! VIM PROTESTAR CONTRA A DILMA!
QUE CRIME ELA COMETEU?
VOCÊ NÃO SOUBE?
ELA GANHOU A ELEIÇÃO!

A GLOBO APOIOU A DITADURA
E VICE VERSA.
PLIN! PLIN!
MAS DEPOIS EU PEDI DESCULPAS!
A GLOBO APOIOU O COLLOR
E VICE VERSA!
MAS DEPOIS EU PEDI DESCULPAS!
PLIN! PLIN!
A GLOBO APOIA O GOLPE TUCANO
PLIN!
DEPOIS EU PEÇO DESCULPAS!
PLIN!

# NOVOS RUMOS PARA A PROFISSÃO

CARLOS CÂNDIDO

Realizado pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais nos dias 29 e 30 de abril, em Belo Horizonte, o 14º Congresso dos Jornalistas de Minas Gerais propiciou reflexões sobre o momento de transformações profissionais vivido pelos jornalistas e aprovou propostas para orientar a atuação da entidade. A percepção geral manifestada pelos congressistas foi de que, embora a condição de empregado nas grandes empresas jornalísticas seja cada vez mais restrita e o trabalho mais precário, o jornalismo é cada vez mais necessário.

Diversas vezes, em várias situações, diferentes participantes do Congresso afirmaram que a imprensa tradicional está morrendo. Os sintomas dessa morte são a perda de leitores e audiência, o achatamento de salários, o surrupio de direitos e a prática de todo tipo de ilegalidade pelos patrões, além do corte de pessoal e fechamento de veículos, que fazem centenas, talvez milhares de jornalistas desempregados ano após ano. Os jornalistas se espalham em diversos ambientes e o profissional empreendedor, que atua por conta própria e em diferentes formas de coletivos, prolifera nas novas gerações.

O Sindicato, que sempre foi a entidade de representação dos jornalistas de jornais, revistas, rádios e televisões, está diante de novas exigências e novos desafios. Ao mesmo tempo em que defende os empregados frente às empresas, numa conjuntura difícil, precisa contemplar os novos perfis de jornalistas. Tudo isso lutando pela sua própria sobrevivência, com parcos e minguantes recursos.

*Jornalistas votam durante o 14º Congresso*

foto ALEXANDRE CARVALHO

## SINDICALIZAÇÃO E UNIÃO

Desse quadro emergiu a urgência, traduzida em teses aprovadas pelos congressistas, de realização de uma campanha de sindicalização. O Sindicato precisa não apenas ampliar sua base junto aos jornalistas dos veículos tradicionais como também estender sua representação aos assessores de imprensa, jornalistas de internet, jornalistas de serviços públicos, jornalistas autônomos e ainda chegar até o estudante, antes mesmo que ele se torne profissional.

O Congresso aprovou a tese "Jornalismo em tempos de crise: unidade e mobilização", que propõe a unificação das lutas dos jornalistas brasileiros pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) como condição para superar a situação atual. A tese apresentou três propostas específicas: 1) unificação das campanhas salariais; 2) construção de uma metodologia para luta pelo piso salarial nacional; 3) retomada da mobilização pelo Conselho Federal de Jornalistas.

Na mesma linha, a tese "Jornalistas do Brasil, uni-vos", defendida

pelo vice-presidente Alessandra Mello enfatiza a importância da atuação conjunta dos sindicatos e da Fenaj. Propõe ainda a criação de uma comissão nacional para acompanhar as negociações trabalhistas e enfrentar os grandes conglomerados de comunicação e que a Fenaj garanta apoio jurídico aos sindicatos.

## DIREITOS E EMPREENDEDORISMO

Atacando duas faces da mesma questão, a tese "Só a luta dos trabalhadores é capaz de impedir a retirada dos direitos trabalhistas", do jornalista Adriano Boaventura, propõe a realização de uma campanha nacional em defesa dos direitos trabalhistas, enquanto a tese "Jornalismo e comunicação em tempos de crise", do jornalista Hugo Pirez, propõe estimular o jornalismo empreendedor, por meio de criação de uma startup de conteúdo jornalístico no ambiente do Sindicato.

A tese "Assessor de imprensa é jornalista", também apresentada pela diretoria e aprovada, reafirma que o assessor de imprensa exerce funções de jornalista e como tal deve ser tratado e representado. Propõe que o Sindicato e a Fenaj mantenham coletivos de assessores, intensifiquem a filiação sindical, fortaleçam o Enjai (Encontro de Jornalistas Assessores de Imprensa) e façam uma campanha com o mesmo nome. A questão ganhou importância diante da resistência patronal para negociar a Convenção Coletiva de Trabalho (CCT) com sindicatos de jornalistas.

## SERVIÇO PÚBLICO E ESTUDANTES

Os jornalistas de serviços públicos foram lembrados na tese "Reconhecer a carreira de jornalista e aprimorar políticas públicas de comunicação", defendida pela diretora Verônica Pimenta. Ela sustenta que os veículos públicos e educativos são patrimônio da sociedade e como tal devem ser defendidos. Ressalta que a atual crise política brasileira demonstrou a necessidade de existência de veículos públicos e argumenta que uma verdadeira política pública de comunicação depende de valorização dos jornalistas.

Diante disso, a tese propõe que a Fenaj e os sindicatos: 1) liderem uma campanha pela criação da carreira de jornalista do serviço público, nos âmbitos federal, estadual e municipal; 2) retomem a campanha em defesa da comunicação pública e da Empresa Brasileira de Comunicação (EBC); 3) adotem ações políticas pela criação de sucursais da EBC e pela realização de concursos públicos nas mesmas.

Por fim, o estreitamento com os cursos, professores e estudantes foi contemplado na tese "O ensino de Jornalismo e os desafios às futuras gerações profissionais", que analisa as transformações no ensino do Jornalismo, em especial as conclusões do Seminário Nacional de Diretrizes Curriculares do Ensino de Jornalismo, realizado em 1999, e a Resolução nº 01/2013 do MEC, que institui as novas diretrizes para o ensino de graduação em Jornalismo. A proposta aprovada é que a Fenaj crie um grupo de trabalho para consolidar e atualizar as propostas, de forma a subsidiar os projetos pedagógicos dos cursos de Jornalismo no Brasil.

Os congressistas também elegeram os delegados que participarão do 27º Congresso Nacional dos Jornalistas, marcado para agosto, em Goiânia, e terão a missão de defender as teses aprovadas. São eles: os jornalistas Verônica Pimenta, Daniel Camargos, Aloísio Morais e Hugo Pirez, o estudante Carlos Cox, da PUC-Minas, e o presidente Kerison Lopes, delegado nato, de acordo com o Estatuto do Sindicato.

*Os delegados eleitos no 14º Congresso*

*foto* ALEXANDRE CARVALHO

# FERNANDO MORAIS: ‘O GOLPE SERÁ DEVASTADOR’

O Brasil vive um momento dramático, com um golpe de estado como nunca tinha visto na sua história, um golpe de mãos limpas, sem tanques nas ruas e sem baionetas, mas que trará um prejuízo infinitamente maior para o país do que o prejuízo provocado pela ditadura, porque é um golpe que tem como objetivo entregar o Brasil para o capital internacional. Esta análise foi feita pelo jornalista e escritor Fernando Morais na palestra de abertura do 14º Congresso dos Jornalistas de Minas Gerais, na noite de 29/4. “O programa de governo do vice-presidente Michel Temer é privatizar tudo”, acrescentou Morais, citando notícia publicada no mesmo dia pelo portal UOL.

*Fernando Morais fez a palestra de abertura do 14º Congresso*

*foto ALEXANDRE CARVALHO*

"Eu preferia estar aqui para falar de uma revolução da qual estamos sendo testemunhas, que é a revolução digital, e o que ela tem a ver com o jornalismo, tema que se entrelaça com este outro. Infelizmente, temos também o triste privilégio de testemunhar um golpe de estado e não é possível hoje falar sobre seja o que for sem falar sobre o golpe em curso no Brasil", disse o jornalista, dando o tom do debate com a plateia, que reuniu jornalistas, estudantes de Jornalismo e convidados. Na mesa, além do palestrante, estavam o presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais, Kerison Lopes, o presidente da Casa do Jornalista, Mauro Werkema, e o deputado federal Reginaldo Lopes (PT). Antes da palestra, Werkema leu o manifesto "Jornalistas em defesa da democracia".

## OS MESMOS GOLPISTAS

Fernando Morais denunciou que a privatização do pré-sal é o principal objetivo do golpe, cujo governo venderá a Petrobrás "na bacia das almas". O adeus ao Mercosul, à Unasul e ao BRICS compõe o programa que se completará com o corte de direitos sociais e trabalhistas. "O destino do Brasil está sendo decidido pelos mesmos que levaram Getúlio Vargas ao suicídio, que tentaram impedir a posse de JK e de Jango e que deram o golpe de 64", assinalou o autor de biografias como "Olga" e "Chatô, o rei do Brasil", que retratam importantes períodos históricos nacionais. Segundo Morais, à frente do golpe estão as poucas famílias que controlam os principais veículos de comunicação no país. "A família Marinho é inimiga do Brasil", enfatizou.

Fernando Morais disse que a esquerda precisa fazer uma autocrítica: nos últimos 13 anos, os governos progressistas nada fizeram para impedir a ação golpista da mídia, ao contrário, os alimentaram fartamente com verbas publicitárias. "O corvo que está comendo os nossos olhos hoje foi alimentado com dinheiro público", denunciou.

Uma iniciativa do ex-ministro Franklin Martins de implantar um novo modelo de distribuição técnica de verbas publicitárias, durante o segundo governo Lula, provocou o pânico da família Marinho, segundo Morais. Os recursos antes distribuídos entre 400 emissoras de rádio, por exemplo, foram pulverizados entre mais de 4.000. "A família Marinho perdeu R$ 120 milhões por ano", disse.

## FORÇA DA INTERNET

Morais condenou a manipulação de informações pelos grandes grupos de mídia, mas disse acreditar que os brasileiros não estão perdidos, apesar do golpe. "Quem tem a verdade nunca está perdido", afirmou. "O jornalismo não acabou, hoje quem tem um celular pode ser seu próprio Roberto Marinho."

Ele disse não ter dúvida de que veículos impressos e televisão estão com os dias contados, diante da ascensão da internet. Ele citou o fenômeno da Mídia Ninja e exemplificou com o seu próprio trabalho. "A Folha de S. Paulo me convidou para escrever um artigo sobre o golpe, que foi publicado na edição de domingo, que tem trezentos mil exemplares. No mesmo dia eu escaneei o artigo e o publiquei na minha página no Facebook, onde teve cinco milhões e duzentos mil leitores", contou. (Sua palestra para um auditório de 200 lugares, foi transmitida pela Mídia Ninja e acompanhada por mais de 10 mil pessoas.) "Se não fosse a internet e pela imprensa internacional, que foi despertada pela intenet, o mundo não veria que o que está acontecendo no Brasil hoje é um golpe", ressaltou.

"O golpe vai ser devastador, mas o senhor Michel Temer vai comer o pão que o diabo amassou", previu Fernando Morais. "Ou ele vai apertar a garganta do povo e com isso vai tocar fogo no Brasil ou, se não fizer isso, não dura uma semana, porque os mesmos que estão derrubando Dilma o derrubarão também. Da minha parte, assumo o compromisso de me dedicar em tempo integral a infernizar a vida dessa gente. Que Minas Gerais se junte a nós, não por nós, que já estamos velhos, mas por nossos filhos e netos", finalizou. (C.C.)

# RESISTIR À PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO E AO DESMONTE DA CLT

Os jornalistas brasileiros vivem uma fase dificílima da profissão, com a precarização do trabalho, demissões em massa e desrespeito à legislação trabalhista. É preciso resistir e sindicalizar a categoria, para enfrentar a onda conservadora. Estas constatações foram feitas durante a mesa "Os desafios da luta sindical dos jornalistas: possibilidades jurídicas contra a precarização e a desregulamentação profissional", realizada durante o 14º Congresso dos Jornalistas de Minas Gerais.

"Este é um momento difícil, a crise aguda atinge a todos. É hora de debater e propor saídas. A crise não é só econômica, é também do jornalismo", enfatizou a vice-presidente do Sindicato, Alessandra Mello, mediadora da mesa que teve como debatedores o jurista Mário Lúcio Quintão Soares e o advogado trabalhista Luciano Silva.

Refletindo sobre sua experiência de quase três décadas de atuação em sindicatos de trabalhores, Luciano definiu a crise como muito grave e citou as dispenas em massas em vários veículos mineiros, entre os quais citou os jornais Hoje em Dia, Estado de Minas e Diário do Comércio e a TV Alterosa. Ele relatou o total desprezo dos patrões pelos direitos trabalhistas dos seus empregados no processo de demissões e mesmo antes delas.

A precarização do trabalho dos jornalistas começou com a derrubada da obrigatoriedade do diploma e hoje já está presente em todas as redações, denunciou o advogado. "Todos os jornais de Belo Horizonte não recolhem o FGTS, contra todos há ações na Justiça", revelou.

Além do não depositarem o FGTS, os patrões não pagam férias, mudam o plano de saúde e ainda impõem redução salarial, disse Luciano, citando o exemplo das empresas do grupo Diários Associados. "Por fim, na campanha salarial deste ano, os patrões não querem negociar mais nada, apesar de uma inflação anual em torno de 11%", informou o advogado.

Luciano Silva considera que o avanço conservador sobre as relações de trabalho visa a destruir a CLT, especialmente três dos seus pilares, os artigos 2º, 9º e 498º. O artigo 2º estabelece a relação entre empregador e assalariado. O artigo 9º torna nulos os atos que fraudam a CLT. O artigo 498º garante indenização aos trabalhadores de empresas que fecham.

Ele denunciou ainda a pejotização dos trabalhadores pelas empresas, isto é, a contratação de assalariados como pessoas jurídicas. Embora tenha sido diversas vezes considerada fraude pela Justiça do Trabalho, essa forma de contratação que obriga o trabalhador a constituir empresa e com isso retira seus direitos trabalhistas, continua a ser praticada.

## CRISE DA LEGALIDADE

O jurista Mário Soares contextualizou a precarização do trabalho no âmbito do Consenso de Washington, reordenação das relações capitalistas mundiais sob hegemonia dos EUA, ocorrida

*Luciano Silva: avanço conservador sobre a CLT*

foto ALEXANDRE CARVALHO

no final dos anos 80. "Querem flexibilizar as relações de trabalho, querem terceirizar", explicou.

A "flexibilização" – que segundo Luciano Silva é apenas uma palavra mais bonita para "precarização" – começou a ser feita pela ditadura, quando extinguiu a estabilidade no emprego e criou o FGTS, lembrou Mário Soares.

Ele ressaltou que a onda conservadora vai além da CLT e ataca também a Constituição. "Esta é a melhor Constituição que já tivemos", disse Mário Soares, que é doutor em Direito pela UFMG e professor de direito constitucional na PUC Minas desde 1988. "Há uma crise de interpretação política muito séria da Constituição. O discurso da soberania popular está em declínio", definiu.

Mário Soares observou que o Supremo Tribunal Federal deveria fazer a defesa intransigente da legalidade, mas não é isso que vem acontecendo. "A crise da legalidade vai afetar a legislação trabalhista", previu. Em relação ao trabalho profissional dos jornalistas, ele lembrou o avanço representado pela regulamentação da profissão e criticou os retrocessos.

"A CLT considera o jornalista um trabalhador intelectual", lembrou o jurista. Ele enfatizou que o jornalista deveria trabalhar cinco horas e ser bem remunerado para executar bem o seu trabalho, mas os patrões agem na contramão desse princípio. "As empresas jornalísticas não querem jornalistas inteligentes, querem pelegos", denunciou, pregando ainda a democratização dos meios de comunicação. "Para haver jornalismo é preciso que ele seja independente. O jornalismo é antes de tudo o exercício da inteligência e do caráter", disse.

Para Mário Soares, as dispensas em massa de jornalistas são apenas a ponta do iceberg da crise da imprensa brasileira. "A maioria dos veículos caminha para uma linha editorial mais conservadora", disse. (C.C.)

## REPÚDIO A PROIBIÇÃO DE MANIFESTAÇÃO NA UFMG

**O 14º Congresso dos Jornalistas de Minas Gerais aprovou por aclamação uma moção em defesa da liberdade de expressão dos estudantes de Direito da UFMG, proibidos pela Justiça, a pedido da direção da faculdade, de promover um ato contra o impedimento da presidenta Dilma Rousseff. "Estou perplexo. Nem a ditadura ousou proibir manifestações políticas dentro da universidade", lembrou o jurista Mário Soares, autor da moção.**

**Ex-presidente do Centro Acadêmico Afonso Penna (CAAP), entidade estudantil que convocou a manifestação, Soares citou a proibição como um exemplo do "ar de retrocesso" que o Brasil respira em 2016. "Estamos vivendo um momento em que a legalidade está sendo jogada na lata de lixo", denunciou, acusando a mídia de fazer um discurso fascista. "Veículos estrangeiros estão denunciando a farsa do impeachment", acrescentou.**

# UM SER DE MÍDIA

"O jornalista, hoje, precisa ser um ser de mídia, precisa estar presente nas redes sociais", recomendou a jornalista Pollyana Ferrari aos participantes à plateia da mesa "A assessoria de imprensa e o dinamismo da internet", durante o 14º Congresso dos Jornalistas de Minas Gerais. A seu lado estavam os jornalistas Patrícia Giudice, especialista em comunicação e saúde e assessora de comunicação da Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais, e Eduardo Motta, mediador. "Esteja onde estiver, em casa ou no café, o jornalista deve se colocar nessa posição, deve ser um ser de mídia", enfatizou Pollyana.

Pesquisadora em comunicação digital, professora de hipermídia e narrativas transmídias na PUC-SP e escritora de livros sobre o tema, Pollyana dirigiu-se especialmente aos profissionais que, como ela, têm décadas de experiência e são digitais "adaptados". Ela observou que a profissão de jornalista no Brasil começou a cair com a queda da obrigatoriedade do diploma e que, diante de um quadro sombrio, os jornalistas precisam pensar juntos em soluções.

"Em meio a um golpe de estado, a uma profissão sucateada e à morte dos veículos tradicionais, os jornalistas precisam mirar onde tem saída, não adianta ficar velando os mortos", afirmou Pollyana.

Para ela, o jornalista, hoje, é empreendedor de si mesmo e precisa investir na produção de conteúdos. "Não podemos gastar energia no foco errado", frisou, "temos de gastar energia propondo coisas". Ela sugeriu que os jornalistas criem conteúdos, os ponham na rede e incomodem a grande mídia. "E aí o leitor vai pagar por isso", apostou.

"O jornalista precisa se inspirar em quem está mudando", disse, citando os canais de vídeo na internet. "O Netflix está atrás de conteúdo jornalístico", sugeriu. "Não existe fórmula, está tudo em aberto, mas seja o que for, o jornalista deve fazer para celular, porque precisa ser um ser de mídia, presente nas redes sociais."

## CONTEÚDOS ESPECIALIZADOS

Patrícia Giudice concordou sobre o potencial de criação de novos conteúdos na internet. Ela exemplificou com a área na qual é especialista, saúde pública, e ressaltou que a falta de informações atrapalha o funcionamento do Sistema Único de Saúde (SUS). Sugeriu que os jornalistas montem um núcleo de trabalho na internet para produzir informações sobre o tema.

"Todos somos usuários do SUS, mas poucos jornalistas sabem como ele funciona", relatou a assessora. A consequência disso é um noticiário repetitivo, previsível e prejudicial, que só se ocupa da saúde pública em momentos críticos e não informa a população.

Patrícia contou também como a assessoria que dirige se organizou na atual administração. "A primeira decisão foi investir em comunicação digital", informou. "Nós trabalhamos para a Secretaria, mas precisamos falar com os mineiros, que são os usuários do Sistema e que são prejudicados pela falta de informação", explicou.

Ressaltando que o empreendedorismo dos jornalistas não significa abandonar a defesa da CLT e dos jornalistas assalariados, Pollyana Ferrari reiterou a receita para os jornalistas que perderam emprego e estão se adaptando à fase digital do jornalismo: usar a tenologia e manter o olha de jornalista. (C.C.)

*Patrícia, Eduardo e Pollyana: mirar onde tem saída*

*foto* ALEXANDRE CARVALHO

# A HORA E A VEZ DOS JORNALISTAS

A crise da grande imprensa brasileira criou oportunidade para novos modelos de jornalismo, feitos pelos próprios jornalistas. É hora dos jornalistas pensarem grande e entrarem na disputa, usando seu conhecimento e competência para criar novos veículos e conquistar público. Esta posição foi defendida no 14º Congresso dos Jornalistas de Minas Gerais pela jornalista Laura Capriglione, ao participar da mesa "Jornalismo e criatividade: alternativas contra a crise", que contou também com o jornalista João Paulo Cunha e mediação do jornalista Rogério Tavares.

Filósofo e psicólogo, além de jornalista, João Paulo fez uma meticulosa análise dos aspectos econômicos, políticos, técnicos e epistemológicos da crise da imprensa, cujo lide, na sua opinião, seria: com a perda do monopólio da informação para a internet, os grandes veículos começaram a se fechar e acabaram por perder também importância política. "O jornalismo está voltando para as mãos dos jornalistas", vaticinou João Paulo, que durante muitos anos foi editor de Cultura do jornal Estado de Minas e atualmente é presidente do BDMG Cultural. "O jornalismo cada vez dá menos dinheiro e o capital quer dinheiro. Somos nós, jornalistas, que temos de fazer jornalismo."

Laura Capriglione enfatizou que a crise da imprensa brasileira é muito maior do que a crise da imprensa mundial, é também uma crise de representatividade, porque a população não se sente representada no noticiário dos grande veículos de comunicação. A ruptura ficou evidente nas manifestações de 2013. "Em 2013 a gente viu o esgotamento da representação desses veículos, o que eles contavam não era o que acontecia nas ruas", observou a ex-repórter da Folha de S. Paulo.

Ela lembrou que a mídia oligopolizada já tinha decidido então assumir o papel de partido da oposição ao governo federal, posição declarada pela presidente da Associação Nacional de Jornais (ANJ), Judith Brito, em entrevista ao jornal O Globo, publicada na edição de 18 de março de 2010. "A grande imprensa virou as costas para o seu público", definiu Laura.

## ALTERNATIVA, NÃO NANICA

Fundadora do Jornalistas Livres, saite de reportagens nascido em São Paulo e que se organiza em outros estados, entre eles Minas Gerais, Laura enfatizou que o que está em crise não é o jornalismo, mas o modelo de negócio das grandes empresas jornalísticas, que nunca foram boas em administrar e sempre viveram das benesses do governo. "O jornalismo nunca esteve tão vivo", disse.

"Está na hora dos jornalistas pensarem mais amplamente, entrando na disputa para conquistar os leitores", acrescentou. "Não podemos pensar pequeno. No passado, a imprensa alternativa era nanica porque fazer jornal era caro. Com a internet, isso mudou", disse Laura, conclamando os jornalistas a produzir boas coberturas factuais e a produzir conteúdos em todas as áreas, como Cidades, Esportes e Cultura. "Nós temos as técnicas para atrair os leitores. Podemos usar todo esse poder para criar uma imprensa que represente grande parte da sociedade brasileira", ressaltou.

A internet reduziu drasticamente os custos da imprensa, falta remunerar dignamente os jornalistas, observou Laura Capriglione. Ela anunciou que o Jornalistas Livres desenvolve uma ferramenta pela qual, em vez de curtir uma matéria, o leitor paga com cinquenta centavos pela leitura. "Muita gente está disposta a legitimar uma imprensa honesta. Temos de aproveitar o que sabemos fazer. Nós não precisamos de marketing", finalizou. (C.C.)

*Laura: é hora dos jornalistas disputarem os leitores*

*foto ALEXANDRE CARVALHO*

# OS JORNALISTAS E OS LIVROS

*Marcelo, Maurício, Hugo, Filomena e Geraldo: experiências diversas*

*foto* ALEXANDRE CARVALHO

"Quem não lê não pode escrever", definiu o jornalista Maurício Lara, em bate-papo durante o 14º Congresso dos Jornalistas de Minas Gerais. Juntamente com os jornalistas Marcelo Prates, Filomena Bomfim e Geraldo Seabra, ele relançou alguns dos seus livros e participou de mesa na qual os quatro trocaram suas experiências como escritores.

Maurício contou que se apaixonou por histórias lendo livros do escritor americano Jack London, na infância, o que o levou a querer escrever e ser jornalista. "Como jornalista, eu escrevi as histórias dos outros, até que chegou o momento de romper com a realidade e com a vírgula", disse. Em 2005, ele publicou sua primeira ficção, "Em Nome do Bem", e em 2015 mais duas: "Ruas dos Expedicionários, 14" e "O Filho do Corrupto". "Este ano lanço mais um e espero lançar outros", anunciou.

Filomena e Geraldo falaram de suas experiências com livros que se aproximam do jornalismo. Filomena coordenou a publicação de "Tom Regional – As Vozes dos Filhos da Terra" e "Vertentes no Jornalismo Mineiro", livros que tratam do jornalismo regional; Geraldo publicou e-books sobre jogos como suporte de informação e notícia: "Do Odyssey 100 aos NewsGames: Uma genealogia dos games como informação", "NewsGames – Teoria Geral Aplicada dos Games Baseados em Notícias: Criando as bases narrativas de um novo modelo de Jornalismo Online" e "Galáxia de Frankenstein #1: os fantasmas da notícia a partir de um jornalismo tutelado".

O fotógrafo Marcelo Prates disse que conta histórias com imagens. Editor e repórter fotográfico há décadas, ele lembrou como, a convite do jornalista Nilseu Martins, registrou uma história de amor entre canarinhos que entrou para a história da Praça da Liberdade. Para fazer companhia a um canário chapinha, Nilseu soltou uma fêmea da espécie na praça; o casal se aproximou, fez ninho e gerou uma população de canarinhos que habitam a região. Tudo foi registrado por Marcelo e publicado numa série publicada do jornal Estado de Minas, premiada e transformada em exposição.

Desse olhar atento do fotógrafo para as aves que vivem no espaço urbano de Belo Horizonte nasceu o livro "Pássaros da Liberdade". Em seguida vieram os livros "Palácio da Liberdade – Arte e beleza no espaço político" e "Grande Hotel de Araxá – Eterna fonte da beleza e da memória".

# JORNALISTAS FAZEM A DIFERENÇA

fotos ALISSON SILVA

RÁDIO

*1º lugar: Márcia Helena Soares Bueno*

*"Machismo (re) velado", rádio Inconfidência.*

IMPRESSO

*1º lugar: Daniel Augusto Resende Camargos*

*"Morte e vida Rayline", jornal Estado de Minas.*

Os jornalistas vencedores do 9º Prêmio Délio Rocha de Jornalismo de Interesse Público receberam seus prêmios durante a festa que encerrou o 14º Congresso dos Jornalistas de Minas Gerais, na noite de sábado 30/4. Foram 16 premiados, classificados em primeiro, segundo e terceiro lugares, em seis categorias: Impresso, Fotografia, Rádio, Televisão, Internet e Estudante.

Márcia Bueno, na categoria Rádio, e Daniel Camargos, na categoria Impresso, foram premiados duas vezes. Márcia ganhou o primeiro e o terceiro lugares, com as reportagens "Machismo (re)velado" e "Eu quero meus filhos", veiculadas na Rádio Inconfidência. Daniel ganhou o primeiro e o terceiro lugares com reportagens veiculadas no jornal Estado de Minas: "Morte e vida Rayline" e "Vozes de Mariana" – esta em parceria com Márcia Maria Cruz, Pedro Rocha Franco, Fred Bottrel e Alexandre Guzanshe.

Concedido anualmente pelo Sindicato, o Prêmio Délio Rocha demonstrou mais uma vez que quem faz diferença no jornalismo são os jornalistas. "O prêmio é muito importante para valorizar os jornalistas neste momento tão difícil da profissão. Os trabalhos mostram a qualidade dos jornalistas mineiros e que o jornalismo continua sendo fundamental para a sociedade. Na verdade, ele nunca foi tão necessário", disse o presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais, Kerison Lopes, na abertura da solenidade de premiação.

O Prêmio, que homenageia no nome o jornalista e sindicalista Délio Rocha, falecido em 2008, foi patrocinado pela CUT MG e pela Cemig. Dificuldades conjunturais impediram que a premiação ocorresse em dezembro de 2015, como acontece todos os anos, mas em 2016 o prêmio voltará a ser entregue na data tradicional, informou Kerison.

RÁDIO

*3º lugar: Márcia Helena Soares Bueno*

*"Eu quero meus filhos", rádio Inconfidência.*

RÁDIO

*2º lugar: Edilene Lopes do Nascimento*

*"Um mês após tragédia, Itatiaia faz retrospectiva e fala sobre futuro de Mariana", rádio Itatiaia.*

IMPRESSO

*2º lugar: João Renato Amaral de Faria*

*"Um adeus ao Rio Doce", jornal O Tempo.*

IMPRESSO

*3º lugar: Daniel Augusto Resende Camargos e Márcia Maria Cruz*

*"Vozes de Mariana", jornal Estado de Minas.*

FOTOGRAFIA

*1º lugar: Euler Cássia Souza Júnior*

*"À procura de Tiago", jornal Estado de Minas.*

FOTOGRAFIA

*2º lugar: Marcelo Prates*

*"Defesa Civil emite novo alerta para chuva com ventos na capital e Grande BH", jornal Hoje em Dia.*

FOTOGRAFIA

*3º lugar: Túlio Sávio Cardoso Santos*

*"Lente sobre as ruínas", jornal Estado de Minas.*

TELEVISÃO

*1º lugar: Denilson Gonçalves Cajazeiro*

*"Cultura negra", Rede Minas.*

**BOM CAMINHO**

O trabalho que mereceu o primeiro lugar na categoria Internet foi uma experiência nova para Alice Maciel. "Tive tempo para fazer e um cuidado muito grande na apuração. Acredito que este é um bom caminho para o jornalismo", disse. Ex-repórter do jornal Estado de Minas, ela foi selecionada como bolsista da Agência Pública para trabalhar na pauta que apresentou: o monopólio e as fraudes na produção de relatórios de impacto ambiental para construção de hidreléticas por empresas de engenharia. Publicada em julho de 2015, a reportagem tornou-se uma das dez mais replicadas do saite da agência.

Aluna do sétimo período de Jornalismo na PUC Minas, Mariana Durães foi à rua, em companhia da colega Bárbara Gonzaga, para mostrar o ponto de vista de seres humanos que não têm onde morar e são ignorados pela população. "Um deles me disse que a única coisa que ele queria era ser visto com compaixão", contou Mariana, atualmente estagiária no jornal Hoje em Dia. As entrevistas feitas nas próximidades do campus,

TELEVISÃO

2º lugar: Sid Marcus Moreira de Souza Filho

*"Pele vermelha", SBT.*

TELEVISÃO

3º lugar: Saulo Esllen Martins da Cruz

*"Liberdade religiosa", Rede Minas.*

ITERNET

1º lugar: Alice Martins da Costa Maciel

*"A arte de ignorar a natureza", Agência Pública.*

INTERNET

2º lugar: Flávia Cristine do Carmo Cajazeiro

*"Desastre em Mariana, um mês da maior tragédia ambiental do país", portal G1 MG.*

para o jornal laboratório Marco, um jornal comunitário, tiveram como contraponto a análise de um sociólogo sobre a situação dos moradores de rua.

Edilene Lopes, no rádio, e Márcia Cruz, no jornalismo impresso, usaram recursos diferentes, mas demonstraram a mesma sensibilidade para retratar o drama das comunidades atingidas pelo desastre ambiental provocado pelo rompimento da barragem de rejeitos de minério da Samarco, em Mariana. Ambas destacaram o trabalho coletivo que resultou nas reportagens.

"Foi um esforço imenso, ficamos vinte e quatro horas no ar, eu dormia quatro

horas por noite", lembrou Edilene. "Esse trabalho me tocou muito", acrescentou. "Foi um desafio produzir numa situação de emergência, que exigiu conhecimentos de diversas áreas, maturidade e ainda lidar com a parte técnica da internet, da produção de vídeos", contou Márcia. Inspirado no livro "Vozes de Chernobil", o caderno especial do Estado de Minas foi todo narrado na primeira pessoa, pelas vítimas do desastre.

Premiado pela terceira vez no Délio Rocha, o repórter fotográfico Marcelo Prates conquistou o segundo lugar na categoria Fotografia com a imagem de uma descarga elétrica no céu de Belo Horizonte, publicada no Hoje em Dia, do qual foi editor durante 18 anos, até o passaralho de fevereiro deste ano. Como de várias outras vezes, foi sua fotografia, feita de madrugada, da janela do seu apartamento, que gerou a reportagem publicada pelo jornal, e não o contrário. Uma vez, uma sequência de imagens de um eclipse num mesmo fotograma causou tanto impacto na redação que o editor o entrevistou e publicou matéria explicando como a foto foi feita. "Tenho muito orgulho deste prêmio", disse Marcelo.

ESTUDANTE

*1º lugar: Mariana Campolina Durães e Bárbara Souto Faria Gonzaga*

*"Vidas que ninguém vê. Moradores de rua e a invisibilidade", jornal Marco, PUC Minas.*

INTERNET

*3º lugar: Mateus Parreiras de Freitas*

*"Terceiro maior reservatório de abastecimento de água de BH está em situação crítica", portal Estado de Minas.*

ESTUDANTE

*2º lugar: Maria Clara Gonçalves Souza*

*"Mamãe e mamãe", revista Ponto e Vírgula, Fumec.*

ESTUDANTE

*3º lugar: Amanda Magalhães*

*"Muros invisíveis", revista Ponto e Vírgula, Fumec.*

# DILMA PARTICIPA DE ENCONTRO

*A presidenta Dilma Rousseff em BH: rompendo o isolamento*

Com a presença da presidenta afastada Dilma Rousseff, jornalistas e blogueiros de todas as partes do país reuniram-se em Belo Horizonte nos dias 20 a 22 de maio para discutir o papel da blogosfera diante do golpe que atingiu o Estado de Direito no país. Tendo como tema "Menos ódio, mais democracia", o 5º Encontro Nacional de Blogueir@s e Ativistas Digitais contou com 392 participantes credenciados e mais de 500 pessoas ao todo, de 20 estados. Realizado pelo Centro de Estudos da Mídia Alternativa Barão de Itararé, em parceria com o Sindicato dos Jornalistas, o encontro foi acompanhado por 18 mil espectadores em transmissões ao vivo feitas pela TVT, canal de televisão via internet mantida por sindicatos.

Na abertura do encontro, a presidenta Dilma disse que lutará em todos os níveis para recuperar a presidência da República e que não ficará presa no Palácio da Alvorada. "Não vou ficar isolada, não há nenhuma justificativa para isso. Vou lutar no Senado, no Judiciário e em

## GOVERNO INTERINO CANCELA PATROCÍNIO

Na véspera do início do 5º Encontro Nacional de Blogueir@s e Ativistas Digitais, o presidente interino Michel Temer determinou que as empresas estatais – Caixa Econômica Federal e Furnas – cancelassem o patrocínio do evento. A decisão foi considerada pelos blogueiros uma tentativa de impedir a realização do encontro, que contaria com a presença anunciada da presidenta afastada, Dilma Rousseff.

Não surtiu efeito; embora sofrendo os efeitos da situação conturbada do país (as inscrições ficaram em menos da metade do número previsto e caravanas de estudantes foram canceladas), o encontro se realizou e a presidenta compareceu (alguns

# DE BLOGUEIROS EM BH

CARLOS CÂNDIDO

*fotos* EDER BRONSON / BARÃO DE ITARARÉ

todas as instâncias", afirmou. Também fizeram parte da mesa o ex-ministro do Desenvolvimento Agrário Patrus Ananias, a coordenadora do Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação, Renata Mieli, a representante do Barão de Itararé, Lidyane Ponciano, e o presidente do Sindicato dos Jornalistas, Kerison Lopes.

## ELEIÇÃO INDIRETA

Dilma participou do encontro depois de falar a milhares de pessoas que se manifestaram nas ruas de Belo Horizonte contra seu afastamento da presidência. Aos blogueiros, ela repetiu que não cometeu crime de responsabilidade e voltou a definir o impeachment como golpe.

"A maior característica desse golpe é não querer ser chamado de golpe. Esse impeachment é uma eleição indireta. Eles sabem que não chegariam à presidência da República sem esse processo", explicou. "Estão implantando um programa que não tem aprovação das urnas."

Ela citou como exemplos a extinção do Ministério da Cultura, a mudança na política externa e os ataques anunciados ao SUS, à Previdência, ao Bolsa Família e ao pré-sal. "São medidas de assustar, que mostram retrocesso", disse. "Em oito dias, esse governo já bateu recorde de desmentidos, o que deixa a suspeita, fundada, de que eles acreditam mesmo é no que desmentiram."

A presidenta enfatizou o caráter provisório do governo Temer – "Esta palavra 'provisório', o caráter provisório desse governo, é importantíssimo" – e disse temer que ele "use da repressão para implantar seu programa de desmonte dos direitos sociais. "Já me chamaram de faxineira, agora vão ter de me chamar de zeladora, porque vou acompanhar tudo com lupa, para zelar pela democracia. O que está em jogo não é só o meu mandato, o que está em jogo são as conquistas sociais e a democracia", disse Dilma aos blogueiros e ativistas.

Dilma criticou também o afastamento do presidente da Empresa Brasil de Comunicação, que assumiu o cargo recentemente e tem mandato legal de quatro anos. "Isto é muito grave, mostra o desapreço desse governo ilegítimo pela democracia", disse.

Ela reconheceu como falha do seu governo não ter feito a democratização da mídia, mas justificou-a com o fato de o sistema político brasileiro garantir que as posições conservadoras prevaleçam. "Por isso é imprescindível fazer a reforma política", disse a presidenta afastada. "Eles nunca vão fazer a democratização da comunicação."

Ela disse que o presidente afastado da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, é a personagem oculta do governo Temer e criticou o ministério formado por ele. "Esse ministério de homens velhos, ricos e brancos, sem mulheres e sem negros, é a cara mais triste desse governo", disse.

veículos chegaram a informar que ela estaria sitiada no Palácio do Alvorada).

Um dos coordenadores do encontro, Altamiro Borges, autor do Blog do Miro, informou que havia um contrato assinado com a Caixa e que se ele fosse descumprido seria cobrado na Justiça. O encontro exibiu um vídeo de propaganda institucional previsto no contrato e manteve a logomarca da instituição no seu material de divulgação.

As dificuldades encontradas pelo encontro para se realizar geraram, em compensação, importante solidariedade nos meios sindicais. Além da parceria com o Sindicato dos Jornalistas, dezenas de sindicatos, centrais e movimentos sociais de diversos estados se uniram para garantir os meios que viabilizaram do encontro.

# JORNALISTA PROPÕE **CAMPANHA NACIONAL PARA ENFRENTAR O GOLPE**

O Brasil vive um golpe novo, em dois turnos, que só se consolidará se vencer no julgamento do mérito do impeachment, no Senado. Até lá, a sociedade que defende a democracia precisa realizar atos que coloquem o governo ilegítimo em questão e para isso é preciso criar uma coordenação nacional, como aconteceu na campanha das diretas já, em 1984.

Esta sugestão foi feita pelo jornalista Paulo Moreira Leite durante debate no 5º Encontro Nacional de Blogueir@s e Ativistas Digitais, do qual participaram também os jornalistas Laura Capriglione e Marco Weissheimer e os sindicalistas Beatriz Cerqueira, coordenadora geral do Sind-UTE e da CUT-MG, e Marcelino Rocha, presidente da CTB-MG.

Diretor em Brasília do Brasil 247 e apresentador do programa de entrevistas "Espaço Público", na TV Brasil, Paulo Moreira Leite foi diretor de redação da revista Época e redator-chefe da revista Veja, entre outros postos na grande imprensa. Em 2013 publicou o livro "A outra história do mensalão – As contradições de um julgamento político" e em 2015 "A outra história da Lava-Jato", ambos pela Geração Editorial.

"Estamos vivendo uma situação política nova ao enfrentar o golpe e a primeira verdade é que ele não é surpresa para ninguém. Muitos alertavam para isso há muito tempo e eu mesmo, em 2013, antes dos protestos, escrevi que, se a presidenta Dilma fosse vitoriosa, eles iam partir para o golpe. No entanto, não fomos capazes de nos preparar nem de dar resposta a ele, somente nas últimas semanas é que fomos para as ruas, os movimentos sociais e uma parte da sociedade", disse Moreira Leite. "Apesar disso, eu acredito que o golpe pode ser derrotado e que a presidenta Dilma pode voltar."

Ele disse que a vitória da democracia pode ser construída, porque a resistência começou antes do golpe, continuou e está aumentando. "A manifestação de ontem em Belo Horizonte foi um marco", disse, referindo-se aos milhares de manifestantes que foram às ruas na tarde e noite de sexta-feira 20/5 para receber a presidenta afastada e lhe manifestar apoio. "Temos uma presidenta que diz que vai resistir", destacou.

## AMPLIAÇÃO DA CIDADANIA

Moreira Leite disse que o golpe ignora o que foram os últimos treze anos no Brasil. "A participação popular cresceu e os direitos foram ampliados. A população mais pobre levantou a cabeça, houve ampliação da cidadania", analisou. Ele acrescentou que os golpistas querem executar um programa de reformas que foi derrotado em quatro eleições, um programa que não têm coragem de apresentar aos eleitores. "Eles têm dois anos e meio para destruir treze anos de conquistas", disse.

Este golpe tem novidades em relação ao golpe de 64 e uma das novidades são os blogueiros e ativistas digitais, observou Moreira Leite. "Os blogueiros são, como se dizia no meu tempo, a vanguarda da sociedade. Somos o canal por onde passam as aspirações legítimas da sociedade, as aspirações que foram sufocadas e distorcidas", definiu.

O jornalista e escritor definiu a conjuntura brasileira como um "momento total", um "momento a favor", no qual já se perdeu a conta dos atos de resistência ao golpe. "Nenhum governo ilegítimo pode conviver com protestos diários. Por isso temos uma responsabilidade muito grande. Se a gente faz a coisa certa, ela se multiplica", disse. "Alguma coisa vai acontecer. É hora de se estimular uma coordenação nacional, como aconteceu na campanha das diretas já", sugeriu.

"Estamos vivendo um golpe em dois turnos, que só se consolidará se vencer no julgamento do mérito do impeachment, no Senado. Precisamos preparar atos que coloquem o governo em questão", ressaltou. "O edifício que eles estão tentando construir está rachando", finalizou. (C.C.)

# JORNALISMO DE CREDIBILIDADE PARA CONQUISTAR OS LEITORES

*Blogueiros: enfrentar o golpe e renovar o jornalismo*

O centro político brasileiro foi para a direita, mas parte dele já se sente lograda pela desinformação da grande mídia e é tarefa dos blogueiros conquistá-la, usando para isso os atributos do bom jornalismo, disse a jornalista Laura Capriglione no debate com blogueiros e ativistas digitais. "Os blogueiros e ativistas digitais são a voz da contranarrativa e mostram todos os dias que é um engodo o que o Jornal Nacional exibe", ressaltou.

Ela observou que a grande mídia faz um esforço gigantesco para esconder os movimentos de resistência ao golpe. Em contrapartida, blogueiros e ativistas digitais fazem grande esforço para informar, reinventando a imprensa e contando para a população o que está acontecendo.

Para econquistar a população, os blogueiros têm que oferecer jornalismo de qualidade e ter muito cuidado com a credibilidade. "Não podemos errar, não podemos pisar nas cascas de banana que colocam para nós", disse Laura, que é fundadora do Jornalistas Livres. "Nós temos compromisso com a verdade, temos de tomar todo cuidado para ter credibilidade."

Além de produzir jornalismo de qualidade, os blogueiros precisam romper os guetos e atingir novos públicos. "Estratégia de rede é fundamental", recomendou Laura. "Tem que viralizar, sair do gueto, contagiar quem ainda não está, e fazer isso com credibilidade, colaboração, profundidade."

Ela disse que o Jornalistas Livres faz isso. "Tivemos que aprender o que é hackear, estudar estratégias de rede", contou. "Descobrimos que entre o Facebook e o Youtube havia uma disputa comercial fortíssima e aprendemos como explorar as contradições entre esses dois gigantes."

Dessa forma, acredita Laura, blogueiros podem se contrapor à grande mídia e enfrentar o golpe. "Em 64 não existia isso, não era possível fazer o que estamos fazendo", observou. "Somos toda a cadeia produtiva do jornalismo atuando aqui e agora. Se eles têm a máquina de informação, nós temos o coletivo", comparou. "Este é um movimento extremamente interessante, estamos fazendo a revolução da narrativa. Estamos criando o jornalismo colaborativo, horizontal, viral, novo no mundo inteiro. No futuro vão contar como fizemos isso."

## AMEAÇA FASCISTA

Dizer que o Brasil está diante da ameaça fascista não é exagero retórico, alertou o jornalista Marco Weissheimer, ao falar aos blogueiros. Ele citou como exemplo a escalada repressiva no Rio Grande do Sul, onde a Brigada Militar tornou-se ainda mais violenta contra os movimentos populares depois que o presidente interino Michel Temer assumiu. "Ações assim vêm se reproduzindo em todo o país, não devemos menosprezá-las", disse Weissheimer, que mantém o blog rsurgente e trabalha no saite Sul 21, de Porto Alegre. "Nós, blogueiros, sofremos uma tentativa dupla de asfixia financeira e processos judiciais para nos calar", acrescentou.

O jornalista considera que os brasileiros pagam, com o golpe, a conta das batalhas não travadas na redemocratização do país, nos anos 80, em especial a não democratização da comunicação e a anistia aos torturadores e assassinos da ditadura. Ressaltou ainda que os jornalistas precisam levantar o tapete que esconde a violência no país e rasgar a fantasia de que somos um povo cordial. "A história do Brasil é de muita violência, racismo e intolerância", disse.

Citando o argentino Adolfo Esquivel, prêmio Nobel da paz, Weissheimer observou que o golpe que está em curso no Brasil faz parte de uma ofensiva conservadora em toda a América Latina, que tenta recolonizar as nações do continente, e chamou atenção para o desafio de se buscar a unidade em defesa da democracia. "Isto já está acontecendo e até há pouco tempo era impossível", disse. (C.C.)

# INTERNET E COMUNICAÇÃO PÚBLICA

A internet, pela qual jornalistas, blogueiros e ativistas digitais fazem a contranarrativa da grande mídia e informam a população, também está ameaçada pelo golpe, alertou a jornalista Bia Barbosa, em debate durante do 5º Encontro Nacional de Blogueir@s e Ativistas Digitais, do qual também participaram a secretária nacional de Comunicação da CUT Rosane Bertotti e o ator e diretor de teatro Marcelo Bones.

O decreto que regulamenta o Marco Civil da Internet foi um dos últimos atos da presidenta afastada, assinado no dia 12 de maio, e o presidente interino avisou que vai rever todos os atos de Dilma Rousseff. Em vigor desde maio de 2014, a lei do Marco Civil da Internet foi celebrada como um grande avanço democrático e elogiada internacionalmente.

"Os direitos estão ameaçados nessa avalanche conservadora", disse Bia Barbosa, que participa do Coletivo Intervozes, grupo fundado em 2003 com o objetivo de divulgar a importância da pluralidade e da diversidade nos meios de comunicação.

*Com centenas de participantes, encontro discutiu ameaças à liberdade de expressão*

Ela citou a neutralidade da rede, conquista fundamental do Marco Civil da Internet, à qual se opõem as operadoras, que têm como principal aliado o presidente afastado da Câmara dos Deputados Eduardo Cunha, considerado o comandante do golpe.

As operadoras se opõem ao acesso livre e ilimitado à internet, como acontece hoje; querem oferecer pacotes diferenciados, com limitações de serviços – e-mails, vídeos, redes sociais etc. – e quantidade diferenciadas de transmissão de dados, o que provocaria uma seleção econômica dos usuários. "Seria como uma tevê por assinatura", explicou Bia Barbosa. O uso de WI-FI em espaços públicos, por exemplo, certamente seria cortado, pois os estabelecimentos comerciais teriam de pagar caro para oferecer o serviço aos clientes.

Também estão sob ameaça outros pilares do Marco Civil da Internet, como o

## ARTISTAS RESISTEM AO GOLPE

A mobilização dos artistas que ocuparam as sedes da Funarte em Belo Horizonte e em outras cidades brasileiras não aconteceu apenas por oposição à extinção do Ministério da Cultura, mas em oposição ao golpe, segundo o ator e diretor Marcelo Bones. "A extinção do MinC tem como objetivo abafar o papel da cultura na resistência ao golpe", denunciou.

Bones informou que naquele momento (sábado, 21/5) ocorriam 21 ocupações em espaços do MinC no país e que estava sendo criada a Rede Nacional de Teatro, para lutar contra o golpe. Ele convidou os blogueiros a conhecer a experiência e fazer a conexão entre cultura e comunicação. "Estamos praticando uma ocupação

# TAMBÉM ESTÃO AMEAÇADAS

sigilo de informações do usuário e o papel do Comitê Gestor da Internet, cujo papel é estabelecer diretrizes para preservação da neutralidade.

**ATAQUE À COMUNICAÇÃO PÚBLICA**

A exoneração ilegal do presidente da Empresa Brasil de Comunicação (EBC), Ricardo Melo, pelo presidente interino Michel Temer foi denunciada por Rosane Bertotti. "Só o Conselho Curador da EBC pode destituir seu presidente", informou a dirigente da CUT, explicando que para isso o presidente precisaria cometer alguma irregularidade na função.

A EBC é uma empresa pública, criada em 2008, responsável pela TV Brasil, TV Brasil Internacional, Agência Brasil, sete emissoras de rádio, além de portal e produtora de conteúdos. Seu presidente tem mandato de quatro anos, que não coincide com os mandatos presidenciais, justamente para garantir independência à empresa de comunicação.

Laerte Rimoli, presidente nomeado para substituir Ricardo Melo, é um jornalista ligado ao PSDB, ao PMDB e à Rede Gllbo. Ele foi diretor de Comunicação da Câmara dos Deputados durante a gestão do presidente afastado Eduardo Cunha, trabalhou na coordenação da campanha do candidato derrotado à presidência em 2014 Aécio Neves, foi chefe da assessoria de Comunicação do Ministério do Esporte e do Turismo no governo FHC e foi diretor regional da TV Globo no Rio de Janeiro. Seu primeiro ato foi suspender a cobertura da Virada Cultural de São Paulo, durante a qual ocorreram fortes protestos contra o golpe.

No mesmo dia em que foi exonerado, 17 de maio, Melo entrou com mandado de segurança no Supremo Tribunal Federal (STF), que foi distribuído ao ministro Dias Toffoli e até o dia 30 não tinha sido analisado. O Artigo 19 da Lei 11.652/2008, que criou a EBC, prevê que o diretor-presidente e o diretor-geral da empresa sejam nomeados pelo presidente da República e só possam ser retirados do cargo após duas moções de desaprovação do Conselho Curador da EBC. O mesmo artigo diz que "o mandato do diretor-presidente será de quatro anos".

Rosane disse temer que o governo interino mude também o Conselho Curador, que é formado por representantes do governo, do Legislativo e da sociedade civil. No dia 14 de maio, o Conselho se manifestou, por meio de nota, contra a possível mudança na presidência da empresa; no dia 17 aprovou uma moção de repúdio veemente contra a exoneração de Ricardo Melo. "A exoneração de um Diretor-Presidente em exercício de seu mandato legalmente instituído configura-se como um ato descabidamente ilegal deste governo interino, ferindo o disposto na lei 11.652/2008", afirma a moção.

Rosane fez um breve histórico da comunicação no Brasil e da criação da EBC, em 2008, para lembrar que, no passado, o país fez opção pela comunicação comercial, mas a Constituição de 1988 prevê a existência de três segmentos: privado, público e estatal. Ela disse que a EBC não recebeu atenção devida dos governos Lula e Dilma, que continuaram favorecendo a comunicação privada, mas ainda assim se tornava uma nova opção de informação para os brasileiros, especialmente nos últimos anos. "A EBC estava conseguindo fazer um contraponto à grande mídia, oferecendo diversidade, mostrando opiniões que consideram o impeachment um golpe", observou. (C.C.)

horizontal, que aprendemos com os secundaristas. Não é só uma ocupação física, é uma ocupação da democracia brasileira", contou.

Ele lembrou que a criação do MinC, em 1985, fez parte da redemocratização do país e que ele já tinha sido extinto uma vez, em 1990, no governo Collor. Foi recriado pelo ex-presidente Itamar Franco, em 1992, e teve atuação tímida até o governo Lula, quando o cantor e compositor Gilberto Gil assumiu a pasta.

"Gil refundou o Ministério da Cultura", disse o artista. "O MinC hoje tem um leque de atuação forte e amplo, é o único órgão do governo federal que atua em todo o país, de forma coletiva, atingindo todos os públicos. Extinguir o MinC significa o fim de toda essa articulação que está em curso", enfatizou.

# ‘DEMOCRATIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO NO BRASIL É **URGENTE’**

foto SARAH TORRES / ALMG

Comunicadores sociais reunidos no ciclo de debates “Desafios da Comunicação Pública em Rede”, realizado na Assembleia Legislativa nos dias 12 e 13 de maio de 2016, divulgaram uma carta à sociedade mineira na qual defendem a democratização urgente da comunicação e fazem propostas concretas para que ela ocorra, em Minas e no Brasil. Um dos assuntos discutidos no encontro foi o envio à ALMG, pelo governador Fernando Pimentel, dos Projetos de Leis 3513 e 3514, que criam a Empresa Mineira de Comunicação (EMC). A seguir a íntegra da carta.

## CARTA DE BELO HORIZONTE

### A COMUNICAÇÃO PÚBLICA É ESSENCIAL PARA A DEMOCRACIA

Nós, comunicadores sociais, reunidos no Ciclo de Debates Desafios da Comunicação Pública em Rede realizado na Assembleia Legislativa nos dias 12 e 13 de maio de 2016, vimos a público alertar à sociedade mineira para o grave momento político que o nosso País atravessa. Em 12 de maio, um dia que sempre será lembrado como de triste memória para a democracia brasileira, a presidente Dilma Rousseff foi afastada de suas funções, sem que houvesse cometido quaisquer crimes de responsabilidade.

Urdido com o patrocínio direto dos grandes grupos privados de mídia, o atentado ao Estado de Direto Democrático revela, mais uma vez, a urgência da democratização da comunicação no Brasil e que passa também, obrigatoriamente,

pela construção de um forte sistema de comunicação pública e em rede.

Diante disso, para a democratização da comunicação e o fortalecimento da comunicação pública no País, defendemos:

**1**- A aprovação pelo Congresso Nacional da Lei da Mídia Democrática, assegurando a implementação de princípios já dispostos na Constituição de 1988, como a liberdade de expressão e a garantia da pluralidade, a coibição de monopólios e oligopólios e a regionalização da produção das emissoras, entre outros dispositivos;

**2**- A regulamentação imediata da Contribuição para o Fomento à Radiodifusão Pública, cujos recursos são imprescindíveis para a viabilização e modernização das televisões e rádios públicas no país;

**3**- O desenvolvimento urgente de um programa, de planos e diretrizes de fomento e financiamento para a implementação de uma rede de Canais da Cidadania e do Plano Nacional de Outorgas nos municípios brasileiros, na migração do sinal analógico para o sinal digital;

**4**- O fortalecimento e a expansão da rede legislativa digital de TVs e rádios, por meio de ações e campanhas para a sensibilização e o envolvimento das Câmaras Municipais.

Em Minas Gerais, propomos:

**1**- Um encontro permanente e periódico das emissoras públicas do interior com objetivo de fortalecer essas entidades em âmbito estadual e federal;

**2**- Compartilhamento equânime de verba de mídia para custeio das TVs públicas (educativas, culturais e comunitárias);

**3**- Criação de uma política pública efetiva para infraestrutura que permita a interiorização de fato, por meio da ampliação da abrangência do sinal digital;

**4**- Valorização dos servidores da Comunicação Pública, por meio da criação e regulamentação das carreiras de jornalista e radialista no serviço público estadual;

**5**- Criação do Conselho Estadual de Comunicação, previsto no artigo 230 da Constituição Estadual, por meio de emenda ou aditivo no projeto de lei da reestruturação Administrativa do Estado. Este Conselho, de caráter deliberativo, será responsável pela discussão, implementação e monitoramento de política pública de comunicação e deverá ter composição paritário entre poder público e Sociedade Civil, e contemplar representações de todos os territórios de planejamento do Estado;

**6**- Criação de um Fundo Público de fomento à comunicação pública, formado por recursos da Loteria Mineira, Codemig e BDMG, a ser gerenciado pelo Conselho Estadual de Comunicação;

**7**- Ampliação do Conselho Curador da TV Minas ou sua eventual sucessora, a EMC, com ampliação de suas atribuições e composição, garantindo o mínino de 50% da sociedade civil;

**8**- Constituição pela Assembleia Legislativa de um Fórum Permanente de Comunicação, que tenha a função de capacitação dos vários setores envolvidos na comunicação pública e comunitária, bem como promover encontros periódicos dos atores para avaliação e monitoramento sobre as politicas públicas;

**9**- Em seus 80 anos de existência, completados em 2016, a Rádio Inconfidência sempre se pautou por ser a porta-voz e disseminadora da pluralidade cultural e de comunicação pública do estado de Minas Gerais, diante disso, o canal legítimo e natural para capitanear essas ações;

**10**- Solicitamos garantias do Estado que o sinal da Rádio Inconfidência chegue no interior com qualidade técnica a todos os municípios do estado de Minas Gerais;

**11**- A Rádio Inconfidência se propõe a receber conteúdo gerado no interior que preencha critérios técnicos, editoriais e éticos, dentro dos parâmetros preconizados pelo Governo do Estado de Minas Gerais.

Belo Horizonte, 13 de maio de 2016.

# O CRIME AMBIENTAL DE MARIANA

ÂNGELA CARRATO

Na democracia, o papel da mídia é informar, o que no Brasil é ignorado. O crime de Mariana é paradigmático. A mídia escondeu a responsabilidade da Vale/Samarco/ BHP no episódio. Mais grave: continua evitando que a população saiba que a Samarco pertence à Vale, que até 1998 chamava-se Vale do Rio Doce e foi privatizada de forma criminosa no segundo governo de Fernando Henrique Cardoso.

Esta é a síntese da apresentação que o grupo de Pesquisa Estação Liberdade, da UFMG, fez sobre o rompimento da barragem de Fundão, em 5/11/2015, durante o 5º Encontro Nacional de Blogueiros e Ativistas Midiáticos. O grupo é integrado pelas professoras Ângela Carrato, do Departamento de Comunicação Social, e Sofia Diniz, do Departamento de Engenharia de Estruturas, e pelo jornalista Geraldo Elísio. A pesquisa teve início na semana seguinte ao rompimento da barragem, "pois passamos a perceber que as informações veiculadas eram insuficientes", explica Geraldo Elísio.

Foram escolhidos os jornais O Globo, Folha de S. Paulo, Estado de Minas e Hoje Em Dia, as revistas Veja e IstoÉ e as TVs Globo e Record, para serem acompanhados. Igualmente foram acompanhados os portais, sites e blogs GGN, Conversa Afiada, O Cafezinho e Vermelho, por veicularem noticias que não apareciam na mídia tradicional. A pesquisa, em processo, tem duração de dois anos.

Nas duas semanas seguintes, apesar dos problemas históricos envolvendo a mineração no Estado, a mídia demonstrou total desconhecimento da situação. "A Samarco pertence à Vale e a barragem de Fundão estava com capacidade muito acima do suportável e alertas neste sentido já tinham sido feitos", afirma Sofia Diniz, especialista em confiabilidade de estruturas, com publicações no país e no exterior.

A partir da quinta semana, "jornalões" e congêneres, além de esconderem a responsabilidade da Vale no episódio, insistiam em se referir a ele como "acidente", "desastre" ou "tragédia". Na realidade tratou-se do maior crime ambiental da história brasileira, envolvendo 19 mortes, duas pessoas desaparecidas, a destruição do povoado de Bento Rodrigues e a transformação do rio Doce em mar de lama, contaminando com rejeitos tóxicos toda a sua extensão chegando até Abrolhos (BA), um santuário de baleias.

A maioria dos parlamentares mineiros tem nas mineradoras seus financiadores de campanha. O deputado federal Leonardo Quintão (PMDB) diz não ser incompatível o financiamento por estas empresas e estar à frente da Comissão que vai elaborar o novo código de Mineração Brasileiro. Some-se a isso que a Vale/Samarco/ BHP é uma das grandes anunciantes da mídia nacional.

Mas um crime pior pode estar por acontecer. A Vale planeja construir uma barragem 10 vezes maior, próximo a Belo Horizonte, destruindo toda uma região tombada na Serra do Gandarela. À exceção dos blogs e sites independentes, nada tem sido publicado sobre o assunto. Por que será?

*ÂNGELA CARRATO é jornalista, mestre e doutora em Comunicação pela UnB e professora do Departamento de Comunicação Social da UFMG.*

foto LEO DRUMOND

# MUDAR PARA CONTINUAR SENDO O MESMO

HERALDO LEITE

O 14º Congresso Estadual de Jornalistas escancarou, de vez, a situação pela qual passa nossa profissão. Redução nos salários, FGTS não depositado, cortes, calote, assédio e toda a sorte de notícias ruins justamente para quem vive da notícia. Mas, o jornalismo está morto e ainda insepulto? A resposta é clara e alentadora: Não. O ofício passa pela mais transformadora mudança desde que o alemão Johannes Gutenberg – ali pelo ano de 1455 – inventou os chamados tipos móveis, nascendo assim a imprensa.

Mas, como toda a mudança não é fácil, os tempos atuais também não são fáceis. A internet e as novas tecnologias possibilitam uma série de alternativas. Pena que não é tão simples desconstruir-se, reinventar-se, reaprender. Mas é necessário. Com um agravante: urgente.

Desde que me especializei em mídias sociais, há uns cinco anos após um MBA na área, tenho participado de dezenas de palestras, seminários, oficinas, workshops e coisas do gênero. E cada vez estranho mais a ausência de colegas jornalistas. Em peso, na platéia e nos debates, estão os publicitários. E os raros jornalistas ou ainda são estudantes ou recém-formados. Tudo bem que as gerações mais novas, os Millenniails – ou ainda Geração Y – como são identificados, já nasceram em meio a computadores. Mas, na maioria destes eventos sou exceção, pois além de jornalista, alguns cabelos brancos denotam mais tempo na estrada.

Pois bem. O fato é que estamos defasados. Estamos perdendo a corrida e deixando para trás oportunidades e enormes espaços. E estes espaços estão sendo ocupados por não jornalistas. Há alguns aventureiros e franco-atiradores, mas há muita gente digna, mas sem a correta formação acadêmica e a responsabilidade profissional. Não confundir com o corporativismo rasteiro, por favor.

Há milhares de sites, empresas e pessoas que imploram por um profissional que além de escrever bem, respeitando as normas da "última Flor do Lácio", também saiba contextualizar, tenha equilíbrio para ouvir quantos lados a história permite, tenha memória histórica e saiba contar uma história.  O conteúdo é o rei e vai fazer a diferença na internet daqui em diante. Mas é preciso estar antenado e reciclado e saber, de fato, o que significam sopas de letrinhas como SEO, HTML, CSS, e outros jargões que já são de amplo domínio de publicitários e marqueteiros, mas, ao que parece, ainda não chegaram ao mundo jornalístico.

Não basta ter um blog, é preciso ter audiência. Além de audiência, engajamento, alcance, compartilhamento, etc. etc. Um novo jornalismo está sendo gestado. E, infelizmente, ele está sendo alimentado por amadores. Ainda dá tempo de se reciclar, aprender novas técnicas de redação. Aprender a viver sem a ajuda das obsoletas redações dos nossos cada vez mais obsoletos jornais da chamada grande imprensa. Mudar justamente para continuar sendo jornalista – por profissão, ofício e paixão.

*HERALDO LEITE é jornalista pela PUC Minas e tem MBA em Mídias Sociais e Gestão da Comunicação Digital pela UNA.*

# A TRADIÇÃO DE UMA FAMÍLIA

IVAN DRUMMOND

Essa história começa há muito, muito tempo. Pra ser sincero, em 1926, quando Austen Amaro de Moura Drummond, o primeiro poeta modernista de Minas Gerais – não foi Carlos Drummond de Andrade, pois seu primeiro livro data de 1931, eram primos –, com seu "Juiz de Fora, Poemas Líricos", que foi todo ilustrado por outro grande, Pedro Nava.

Pois "Juiz de Fora, Poemas Líricos" abriu as portas do jornalismo mineiro a Austen Amaro, que era como ele assinava. Logo, se tornaria crítico literário do então recém-lançado Estado de Minas. Sem saber, o poeta iria iniciar uma dinastia de jornalistas. Depois dele, mais três gerações.

O tempo passa e os jornalistas mineiros começam a se organizar. Era preciso criar o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais. Austen, que era crítico literário do Estado de Minas, se junta a Nei Otaviano Bernes, José Mendonça, Pedro Nava, Cid Rabelo, entre outros, criando a instituição, a representante de uma das mais importantes classes profissionais de nosso estado. Sua inscrição, a de número 4. Austen era casado com Stella Hanriot, escritora. Formavam um casal das letras.

Ao longo do tempo, essa é uma de suas lutas, e qual não é a grande surpresa quando seu filho, Felippe Drummond – nascido Felippe Augusto Hanriot Drummond –, também se torna jornalista. Vai trabalhar na extinta Folha de Minas. Ainda não existia o curso de jornalismo. E a entrada na profissão acontece de maneira peculiar. Felippe fica sabendo que haveria uma prova do referido jornal, pois este procurava novos jornalistas. Decide fazer a prova. Era o ano de 1951. Num domingo, no antigo Colégio Afonso Arinos, que viria a se tornar a Fafich, da UFMG, vai para a sala de provas. Lá estão vários aspirantes à oportunidade. Na frente de cada um, uma máquina de escrever. Cada candidato tem de fazer uma dissertação. O tema, a Segunda Guerra Mundial.

Ele adorava, era catedrático no assunto, uma de suas leituras preferidas. Mas depois do terceiro parágrafo, a máquina emperra. Ele pede ao fiscal um outra. Esse diz que não pode, pois todas estão ocupadas. Pede para continuar na do primeiro que terminasse. Mas o fical diz que a prova tem tempo definido e este está se esgotando. Nervoso, revoltado com a situação, termina de escrever à mão. Entrega a prova e vai embora.

Viaja em seguida para a casa de uma tia, Iza, em Niterói. Esquece da vida, de que tinha feito a prova. Mas surge um amigo, encontro casual e este lhe conta que estão à sua procura em BH, por causa da prova. Felippe volta correndo. Qual sua surpresa. Queriam que ele lesse o que tinha escrito, pois ninguém tinha conseguido entender a letra. Ele o faz e é aprovado em primeiro lugar.

Nasce o repórter. Ainda na Folha, dá oportunidade a um dos maiores escritores mineiros de todos os tempos, Roberto Drummond, que tinha ido pedir uma nota do movimento estudantil. Perguntou o nome do menino e quando esse disse o mesmo sobrenome, mandou que voltasse no dia seguinte, para trabalhar. Depois passaria pelo Diário de Minas, antes de ir para o Diário da Tarde, levado por Ciro Siqueira. Surge a Televisão. Era a TV Itacolomi e Felippe, o primeiro repórter televisivo de Minas.

Fez grandes coberturas, no jornal e na TV: "Ramiro da cartucheira", "o roubo de um bonde em BH", "a

tragédia da Gameleira". Da capital mineira, o furo nacional do "sequestro do cônsul norte-americano e depois o alemão", ambos no Rio de Janeiro, durante a ditadura. Hoje, dá nome ao Mineirinho e a uma rua no bairro Luxemburgo.

A representação dos Drummond não termina aí. Na terceira geração, dois representantes, Ângela Drummond, minha prima, e eu, Ivan Drummond. Ela trabalhou no Jornal de Casa, Diário do Comércio, Jornal de Brasília – era a encarregada da cobertura da instalação da Assembleia Nacional Constituinte –, depois Hoje em Dia, novamente o Diário do Comércio, Estado de Minas, por dois períodos e Revista Encontro.

Eu comecei, sem querer, aos 13 anos, quando Oswaldo Nobre, dono do "O Debate", me escalou para fazer uma coluna de apelidos. Ligava para as empresas ou passava nelas e pegava os apelidos das turmas, que eram publicados aos domingos. Depois disso, fiz vestibular escondido para jornalismo.

Foi um período difícil, pois passei no vestibular e um mês depois, meu pai morreu, na minha mão. Fiz boca-a-boca e de nada adiantou. No enterro, Camilo Teixeira da Costa virou pra mim e minha mãe e disse: "Segunda-feira lá no jornal, pra começar a trabalhar. Mando o carro buscar".

E assim o fez. Virei diagramador. Ao me formar, fui para a editoria de polícia. Pedro Aguinaldo Fulgêncio, ao saber de uma vaga na Editoria de Polícia, me mandou para lá, dizendo: "Cadê o filho do Felippe? Põe ele lá. Se o pai dele era bom nisso, ele também deve ser".

Foram 10 anos como repórter de polícia. Dois Prêmios Esso regionais, em 1985 (Livrai-nos do fogo do inferno, série sobre a sequência de mortes em celas de delegacias) e 1987 (O Caso Alan, um estofador que escapou do esquadrão da morte). Depois, na Editoria de Esportes, onde participei da cobertura de seis edições dos Jogos Olímpicos (Barcelona'92, Atlanta'96, Sydney'2000, Atenas'2004, Pequim'2008 e Londres'2012.

Sendo ainda repórter, consegui a que considero a maior matéria de minha vida: encontrar Hilda Furacão, viva, na Argentina. Além disso, passei também pelo Diário do Comércio, TV Minas e Fiemg.

E veio a quarta geração, que ainda constrói a sua história. Augusto Franco é filho de Ângela Drummond e Roberto Messias Franco. Passou pelo Hoje em Dia, Veja BH, Revista Encontro e O Tempo (on line).

Outro nome dessa nova geração é Felippe Augusto Hanriot Drummond Neto, que começou como estagiário no Estado de Minas, está no Hoje em Dia, tendo participado da cobertura da Copa do Mundo'2014, além de estar também nos esportes especializados. Vai estrear nos Jogos Olímpicos no Rio'16.

*Ivan Drumond e filho Felippe*

*O jornalista Felippe Drummond recebe a comenda da ordem do mérito jornalístico de 1975, concedida pelo Sindicato*

# A IMPORTÂNCIA DO NA IDENTIDADE PROFISSIONAL

## BREVE REFLEXÃO A PARTIR DE PESQUISA ELABORADA PELA COMISSÃO DE ÉTICA DO SJPMG

VALÉRIA SAID TÓTARO

A Comissão de Ética e Liberdade de Imprensa do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais (SJPMG) elaborou pesquisa para conhecer os principais dilemas éticos enfrentados pelos profissionais mineiros no cotidiano das redações de impressos e on-line. Disponibilizada no site do SJPMG, a pesquisa, que utiliza questionários quali e quantitativos, ainda está aberta para a participação da categoria. Mas, por uma das questões fechadas, já é possível ter uma primeira impressão em relação ao uso do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros na busca por regras de conduta profissional. Na pergunta "Costuma consultar o Código de Ética quando está em dúvida sobre procedimentos éticos?", dos 56 participantes até início de maio de 2016, 14% responderam "sim"; 45% "não"; 23% marcaram "às vezes" e 18% indicaram "raramente", sendo que 80% declararam ter formação superior em Jornalismo.

A partir desses sintomáticos resultados, ainda que parciais, podemos depreender a pouquíssima importância dada pelos profissionais participantes ao nosso Código de Ética como instrumento de orientação, acompanhamento e fiscalização para os procedimentos éticos dos jornalistas. Com efeito, o código deontológico é o documento mais comum para atitudes e respostas da categoria e, conforme explica o jornalista pesquisador e doutor em Ciências da Comunicação Rogério Christofoletti, em artigo no qual analisou as Comissões de Ética dos Jornalistas (disponibilizado na página da Comissão de Ética do site do Sindicato), ele pode ser privativo de um veículo (Código de Ética do Correio Braziliense, por exemplo), de uma organização

*VALÉRIA SAID TÓTARO é presidente da Comissão de Ética e Liberdade de Imprensa do SJPMG, professora de Ética e Teorias do Jornalismo, articulista, mestranda em Estudos Culturais Contemporâneos e ativista do movimento Slow Fashion (Ética e Consumo Consciente na Moda). valeriasaid@hotmail.com*

# CÓDIGO DE ÉTICA DOS JORNALISTAS

jornalística (Grupo Estado) ou circunscrito a entidades de classe: no campo empresarial podemos citar o código da Associação Nacional de Jornais e no da nossa categoria de trabalhadores a referência é o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros da Federal Nacional dos Jornalistas, atualizado em 2007.

Na prática, esses códigos de conduta ou declarações de princípios são demonstrações de que seus signatários comungam valores e preocupações éticas: servem para padronizar atitudes, instruir respostas a desafios cotidianos e dar satisfações ao público, na medida em que externam posicionamentos. Têm caráter normativo e pedagógico, enfatiza Christofoletti. Além da práxis deontológica, nosso Código de Ética também contribui para reforçar e legitimar nossa identidade profissional. Explico: segundo os estudos da Sociologia das Profissões, o sociólogo Hughes, citado por Nelson Traquina em Teorias do Jornalismo (Insular, 2004, Vol. I), são dois os atributos de uma profissão: formação especializada e padrões de conduta, isto é, a existência de códigos de ética, os quais são imprescindíveis para definir um ethos profissional, ou seja, como ser jornalista e como estar na profissão.

É axiomático que nenhum código deontológico por si só garante procedimentos éticos no dia a dia das redações e muito menos implica aderência espontânea dos profissionais aos pressupostos morais da atividade jornalística, como aponta o resultado parcial da pesquisa. Decerto, códigos de conduta profissional são inerentemente limitados, na verdade, são pontos de partida para os jornalistas enfrentarmos os dilemas éticos cotidianos, cujas decisões sobre a melhor e mais justa forma de agirmos hão de nos atormentar se realmente a atitude que tomamos foi a mais correta, dentre alternativas também moralmente defensáveis.

Mas, para que o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros possa ser um instrumento de responsabilização da categoria, de modo a honrar, valorizar e dignificar a profissão (Art. 6º, inciso V), é preciso fazer cumprir seus princípios perante os jornalistas e a sociedade. E a forma de operacionalizá-lo é somente por meio das comissões de ética sindicais (Art. 15º), enquanto não temos a instância de um Conselho Federal de Jornalistas ou algo que o valha. O que implica dizer que dar condições e apoio à existência das Comissões de Ética nos sindicatos de jornalistas e tornar mais conhecido nosso código deontológico é reforçar nossa identidade profissional como patrimônio da sociedade.

De fato, o exercício da nossa profissão é um serviço de interesse público (Art. 3º) numa Democracia, a qual tem exigido cada vez mais posicionamento crítico dos cidadãos diante de informações divulgadas por determinadas mídias impressas, eletrônicas e on-line que deliberadamente não têm comprometimento moral com o imperativo categórico ético do jornalismo: o Princípio do Contraditório (Art. 2º, incisos I a V e Art. 7º, inciso III).

# UMA LUZ NO FIM DO TÚNEL

FILOMENA BOMFIM

Tempos de crise! Mais do que necessária, foi oportuna e inadiável a discussão trazida pelo Congresso Estadual de Jornalistas, promovido pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais, recentemente, em Belo Horizonte.

E de tão precisa, a reflexão trouxe à baila o lugar do Jornalismo Regional na formação dos profissionais na contemporaneidade. Primo pobre de um campo sofisticado de produção de conhecimento conhecido como Comunicação Social, essa modalidade de Jornalismo, apresenta impasses e idiossincrasias como todas as outras. Contudo, pelo fato de ser (geralmente) relegada a um segundo plano, oferece postos para aqueles que gostam do corpo a corpo, da proximidade com o público e suas causas, que acreditam que a prestação de serviços pode ser também uma função do Jornalismo hoje.

Mais do que pela empregabilidade disponibilizada, o Jornalismo Regional merece espaço de reflexão, respeito e consideração pela oportunidade de se trabalhar lado com a sustentabilidade cultural, ao se oferecer como incubadora de projetos de preservação do patrimônio imaterial em muitas cidades do interior.

*FILOMENA BOMFIM é doutora PhD, professora do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), coordenadora da Vertentes Agência de Notícias – VAN (www.vanufsj.jor.br).*

## ESGOTAMENTO DAS METRÓPOLIS

Adicionalmente, até mesmo nas grandes cidades tais como São Paulo e Toronto, por exemplo, práticas jornalísticas regionais ganham espaço ao atuarem como incubadoras de projetos de preservação cultural, onde muitas nacionalidades convivem lado a lado, pelo fato de tais metrópoles concentrarem os sonhos de realização pessoal e/ou profissional de muitos indivíduos. Toronto abriga 58 nacionalidades em convivência harmônica numa área semelhante à de Belo Horizonte. A despeito de não podermos destacar a harmonia, São Paulo, similarmente, tem oferecido acolhida para os sonhos de tantos brasileiros.

Entretanto, o esgotamento das metrópoles já se faz claro e notório em todas as áreas de produção. E para os desatentos, esse parece o sinal do fim dos tempos! Contudo, o sinal é para que observemos o cenário sob ângulos diferentes. Ou para que experimentemos aquela direção que nos parecia desprezível ou descartável...

Acho interessante quando recebo as mensagens de ex-alunos desiludidos e aflitos nas grandes cidades em busca de oportunidades cada vez mais escassas ou cujas condições de trabalho ameaçam a dignidade de qualquer jornalista pelo atrelamento político deslavado, associado a práticas que tornam cada vez mais desnecessário o diploma, já que a meta é copiar e colar. Depois de ouvi-los, em geral, repito o que já pregava nos tempos em que estavam em sala de aula: busquem cidades interioranas e descubram as possibilidades. Poucos dias depois, a urgência em que se achavam os obriga a buscar contextos menos glamourosos e, nessa busca, encontram posições confortáveis aliadas a condições de vida aprazíveis em que os salários menos generosos lhe permitem vida digna, respeitabilidade, envolvimento pessoal e responsabilidade social como formadores de opinião.

## JORNALISMO DA PROXIMIDADE

É inegável a existência da crise. Em contrapartida, é cada vez mais urgente a necessidade de nos abrimos a processos de expansão de consciência ao desistirmos das nossas verdades consagradas, ao optarmos pela experiência em cenários desconhecidos, ao duvidarmos de certezas adquiridas pelas mãos de teóricos eurocêntricos.

Na verdade, o interior amedronta tanto quanto as megalópoles por razões exatamente opostas: a proximidade horroriza, assim como a opção pelo cotidiano, pelas causas objetivas demais, pelos desejos absurdamente previsíveis, pela calma, pelo silêncio, pela busca de aconchego. Ou seja, Jornalismo regional, como afirma Carlos Camponez, é o Jornalismo de proximidade.

E é aí que reside o desafio... Diante disso, a noção de Cidadania sai dos livros e exige de nós mais do que conceitos, posições firmadas, atitudes fincadas na realidade. A Cultura Regional invade os ambientes e nossas casas sem pedir licença, afirmando em altos brados a Identidade Regional. As questões comunitárias passam a ocupar nossa rotina assumindo espaços em nossas agendas digitais. E a necessidade de optarmos por um estilo de vida sustentável nos impõe um exame de consciência, no mínimo, cauteloso.

Esse é o momento do Regional, que é eminentemente local, sem se opor ao global, parafraseando nosso amado Milton Santos, em suas reflexões amadurecidas. A crise existe sim e cada vez mais avassaladora para aqueles que teimarem em permanecerem fiéis às suas verdades de gabinete. O Jornalismo de Interior oferece posições, mas exige capacidade de mobilização social, de comprometimento com o potencial transformador da Comunicação, de ações colaborativas e interdependentes, de estratégias de comunicação baseadas em redes em seu sentido mais amplo e profundo.

Ousar ou retirar? Eis a questão...

# A DIETA DA CIDADE

GIL SOTERO

"Ohôo vizinha! Me arruma umas folhas de alface?" – Até final da década de 80 era comum vizinhos trocarem hortaliças, verduras, frutas. A maioria tinha quintal, mesmo nas grandes cidades. Os quintais deram lugar a garagens ou outras casas, devido a crescente demanda por espaço nos centros urbanos.

Assim a comida cultivada na própria cidade foi escasseando. É difícil vizinhos encontrarem limões, pimenta ou qualquer alimento cultivado a poucos metros de casa. Hoje tudo está nos supermercados e precisam vir de distantes fazendas. Para preservar a comida que chega de cada vez mais longe, entraram na receita conservantes, gorduras trans, açúcares etc. A dependência de alimentos industrializados e/ou com aditivos para preservar sabor, textura e validade também tem seu preço.

A ONG inglesa Mind financiou por anos uma pesquisa sobre a relação entre a comida e o espirito. Em 2004 apresentaram o resultado. Substâncias como álcool, cafeína e açúcar impedem a produção da serotonina. O mesmo estudo mostrou que a ingestão de verduras, frutas, água e peixe favorece a produção do hormônio que alimente o cérebro.

Outro estudo realizado por pesquisadores da University College London, na capital britânica, indicou que dietas em alimentos industrializados aumentam o risco de depressão. A pesquisa examinou mais de 3,5 mil funcionários públicos durante cinco anos. Segundo pesquisadores, foi o primeiro estudo a vincular a dieta dos londrinos à depressão. O grupo que não consumia alimentos integrais como peixe legumes e frutas apresentou 58% a mais de risco de desenvolver depressão.

"Mas eu como verduras! Compro-as no supermercado!", podem responder alguns. Infelizmente as noticias não são boas mais uma vez. Desde 2008 o Brasil ocupa o primeiro lugar no ranking mundial de consumo de agrotóxico. Segundo dossiê divulgado pela Abraco (Associação Brasileira de Saúde Colétiva), cada brasileiro consome cinco litros de veneno a cada ano e 70% dos alimentos in natura estão contaminados. O nível de contaminação é tão absurdo que mais da metade dos agrotóxicos usados no Brasil são banidos em vários países e anualmente mais de 70 mil brasileiros sofrem intoxicações agudas ou crônicas como resultado do alto consumo de agrotóxicos, segundo a Organização Mundial de Saúde.

Mas nem tudo está perdido. Cidadãos preocupados com a

*GIL SOTERO é jornalista, blogueiro e cicloativista.*

segurança alimentar de qualidade e sustentabilidade nos centros urbanos estão realizando várias ações para incentivar pessoas a cultivar o próprio alimento. Voluntários  do projeto Cidades Comestíveis fazem parte desses coletivos. Terrenos ociosos da capital paulista, que podem se tornar hortas urbanas, são mapeados.

No Centro Cultural de São Paulo, conheci em 2015 uma das hortas urbanas comunitárias criadas e mantida por grupos de agricultores urbanos. Hortaliças, verduras e até algumas frutíferas são cultivadas lá por voluntários. São Paulo já apresenta várias hortas comunitárias. Agricultores urbanos são apontados por Thomas Frey, visionário da Google, como profissionais essenciais no futuro dos centros urbanos.

Alimentos sendo cultivados em lugares públicos ou espaços privados já são uma realidade para muitos brasileiros. As hortas urbanas são importantes ferramentas para a segurança alimentar nos grandes centros, cada vez mais vulneráveis a crises.

Saber cultivar o próprio alimento pode significar a diferença entre a vida e a morte num cenário de escassez e de superenvenenamento. Afinal, nossos alimentos saudáveis não "nascem" em supermercados.

# ANUIDADE SINDICAL

Associado,
encartado nesta revista o Sindicato está enviando o **boleto da anuidade sindical 2016** para aqueles que ainda não fizeram o pagamento.
Neste momento difícil para a categoria, em que ocorrem muitas demissões, a contribuição financeira dos associados é fundamental para manter o Sindicato vivo e atuante na defesa dos interesses dos jornalistas.
Ajude a fortalecer o seu Sindicato pagando a anuidade.

*O pagamento pode ser feito em* **três parcelas mensais**, *a primeira delas com vencimento em* **9 de setembro**.

**Caso tenha alguma dúvida, ligue para (31) 3224-5011 ou mande e-mail para gerencia@sjpmg.org.br.**

Jornalistas de Minas
Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais

# O DIA EM QUE A DIRETORIA DO GRANDE JORNAL DOS MINEIROS VIAJOU

GERALDO ELÍSIO

Em 1977, a ditatura civil-militar exibia farta musculatura. No dia 5 de junho deste ano, um domingo, o Brasil acordou perplexo. Mais um ato de violência. A repressão, no dia anterior, invadiu o DA "Alfredo Balena" da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Prendeu centenas de universitários e barrou o III Encontro Nacional dos Estudantes, que pretendia reconstruir a UNE (União Nacional dos Estudantes), em Belo Horizonte.

Segundo impacto: a melhor cobertura nacional em termos de texto e fotografia foi do jornal Estado de Minas, tradicionalmente de linha governista e simpatizante do Palácio da Liberdade.

- O que aconteceu? É mesmo o Estado de Minas?

Era sim. E 30 anos depois, quando os universitários de então e os "veteranos de guerra" da invasão comemoraram a efeméride, eu fui um convidado especial para a festa. Se o acadêmico de medicina então presidente daquele DA, conforme ele confessou em seu discurso, não sabia que um fato histórico dessa importância havia acontecido ali, a cobertura do Estado de Minas ainda rendia assuntos. Os médicos indagavam:

- O que aconteceu?

Aureliano Chaves se interpusera contra o general Antônio Bandeira, comandante da 4ª DE – Divisão de Exército – que queria acionar as tropas federais. E determinou à PMMG não molestar nenhum jornalista em trabalho.

Porém, o que pesou mesmo para a cobertura do Estado de Minas ter se transformado em hit foi a coincidência. No dia da invasão policialesca do DA "Alfredo Balena" – enquanto Belo Horizonte vivia um clima de guerra, com 800 homens da PMMG fortemente armados, a polícia política (DOPS) sob o comando dos delegados David Hazan e Thacir Omar de Menezes Sia e "tiras" prontos para enfrentar 300 acadêmicos perigosamente armados com violões, flores e ideias – a cúpula dirigente do jornal viajou.

Foi o que bastou aos editores, copys, repórteres de texto e fotográficos para exercerem os seus instintos de jornalistas comprometidos com a verdade.

Um trabalho como todos devem ser feitos, cumprindo um compromisso com a ética e a transparência, possibilitando ao povo, o verdadeiro dono da informação jornalística a avaliação da verdade. Ressalte-se que os textos foram primorosos e as fotos dos companheiros repórteres fotográficos mais do que nunca, de acordo com o chinês Sun Tzun, "disseram por mil palavras".

Quanto a mim, proprietário de medos crônicos de aviões e cachorros, em meio a uma correria das muitas que ocorreram no centro de Belo Horizonte, onde o delegado Ariovaldo da Hora e Silva, e o detetive "Kojak", distribuíam chutes, pontapés, murros e gravatas à vontade, de repente divisei a colega e amiga Déa Januzzi "isolada". Corri para lhe dar proteção.

Passou uma multidão de estudantes perseguidos por soldados e cães policiais. Escondi atrás de uma árvore. Olhei quando escutei as gargalhadas de Déa, enquanto eu, com o rosto virado para outro lado mostrava minha carteira de jornalista para um pastor alemão a olhar sem nada entender, seguro pelo adestrador.

*GERALDO ELÍSIO é jornalista e escritor.*

foto CHARLLES HOFFERT

# CRIMES PERFEITOS

GIZELLE FERREIRA

Oito de marco de 2013. Meu telefone toca e do outro lado alguém avisa: "Gizelle, mataram o Rodrigo Neto". Após três anos, essa voz ressoa aos meus ouvidos nitidamente. Perdi um amigo e um colega de profissão. O Vale do Aço perdeu o repórter investigativo. Conseguiram calar a voz de Rodrigo. Voz que ecoava por justiça e buscava provar incessantemente a existência de um grupo de extermínio na região.

Naquele dia, ninguém acreditava no que havia acontecido. Lembro da minha chefe convocar uma reunião para discutirmos como cobriríamos o fato. Eu não poderia viver o luto do meu amigo. Eu tinha que, como ele, também lutar por justiça. Desta vez, a justiça pela morte dele. Ficamos com medo de que o assassinato do repórter não fosse apurado, assim como vários outros crimes que ficaram impunes por falta de dedicação nas investigações, ou talvez porque foram crimes perfeitos.

A morte de Rodrigo somente não bastava para cobrar das autoridades policias uma mudança no cenário em Ipatinga. A partir de então eu e outros três jornalistas fizemos um dossiê e relatamos todos os casos pelos quais o repórter investigativo cobrava por justiça. O documento foi entregue nas mãos do então governador Antônio Anastasia.

A força-tarefa instalada em Ipatinga para desvendar o mistério em torno da morte do jornalista também foi designada a investigar outros crimes relacionados no dossiê. E desde então passei acompanhar de perto o desdobramento de cada caso. Vi policiais militares e civis sendo presos.

2013, o ano que o tempo não pode apagar. Jornalistas trabalhavam sob medo, tensão, sentiam-se coagidos. Eu me sentia perseguida, adotei novos hábitos, como não sentar de costas para a rua e não sair sozinha à noite. O medo me consumia, mas a sede por justiça era maior. Não podíamos deixar nenhum dos casos morrer. Mães que tiveram filhos executados e calados covardemente precisavam de resposta. E aquela talvez seria a hora.

Às vezes a sociedade pensa: "bandido bom é bandido morto". Se a situação se resolvesse matando, São Paulo talvez seria a cidade mais tranquila para se viver. Rodrigo não era a favor de bandidos, mas era contra a covardia. Queria apenas a aplicação das leis tal qual o Código Penal prevê. Ele era contra o grupo de extermínio que atuava na região. Queria provar a existência disso. Não havia investigação para os crimes. Caso fossem investigados, testemunhas eram "caladas", processos sumiam inexplicavelmente do Fórum.

Eram crimes perfeitos que não deixavam pistas.

Rodrigo Neto morreu por uma causa. A dos familiares que se sentiam injustiçados. Das mães que choram até hoje pelo desaparecimento de seus filhos. Passados três anos, às vezes me pergunto se valeu a pena ter me esforçado tanto em busca de justiça em um país cheio de injustiças. De todos aqueles que foram presos, à época das investigações sobre a morte de Rodrigo, eu vi um a um sendo solto bem debaixo do meu nariz. Mas aí eu me lembro do meu papel social de jornalista. E me basta.

No dia 8 de março deste ano a polícia anunciou o encerramento das investigações. Pediu ainda ao Ministério Público (MP) o arquivamento do caso. Pela morte do jornalista, um ex-detetive da Polícia Civil e um pistoleiro, que se passava por falso investigador, foram condenados e pena mínima de homicídio (12 anos cada um). A polícia não conseguiu até hoje descobrir quem mandou matar Rodrigo Neto e por quê.

Eu trabalho há 15 anos como repórter em Ipatinga e posso dizer que o Vale do Aço carece de repórter investigativo. Desde a morte dele foram poucos aqueles que se levantaram e correram atrás de colocar em prática o legado que ele deixou.

*GIZELLE FERREIRA é jornalista do Diário Popular, de Ipatinga, no Vale do Aço.*

# UMA HISTÓRIA DE DESRESPEITO AOS TRABALHADORES

Os dias 29 de fevereiro e 1º de março de 2016 foram marcantes na vida dos 84 jornalistas do diário Hoje em Dia, de Belo Horizonte. O jornal acabava de trocar de mãos pela segunda vez em menos de três anos e, embora desconfiados, por dever de ofício e mineiridade, eles não esperavam o passaralho que abateu quase metade da redação, subitamente. Muito menos podiam imaginar a forma como ele ocorreu. Ao final do expediente, no último dia de fevereiro, uma segunda-feira, à medida em que fechavam as páginas, os profissionais foram chamados à sala de reuniões, em grupos, por editoria, e comunicados, por uma comissão formada pelo diretor de Jornalismo, uma representante do Recursos Humanos e uma advogada, de que estavam dispensados.

Sem negociação com o sindicato, como prevê a legislação trabalhista em caso de demissão em massa, sem explicações à equipe e contrariando promessa anterior, a empresa dispensou de um dia para o outro 36 profissionais, vários deles com mais de 20 anos de casa. Perplexos, poucos esboçaram alguma reação. "Vocês vão pagar a gente, não vão?", perguntou uma repórter, em tom de brincadeira. "Claro", respondeu a funcionária. Começava ali um discurso que a empresa repetiria nos dias seguintes, inclusive na Justiça do Trabalho: "Vamos cumprir todos os trâmites legais".

O que os dispensados não sabiam é que esta frase escondia o descumprimento premeditado dos seus direitos trabalhistas: eles não receberiam o salário de fevereiro e nem mesmo o acerto da rescisão contratual. Sem a rescisão, não teriam acesso ao seguro-desemprego e não poderiam sacar o FGTS. "A enganação começou ali. O que ficou forte para mim foi a mentira, que começou ali", disse Igor Guimarães, editor adjunto de Horizonte, o primeiro a assinar a demissão. Em junho ele completaria quatro anos no jornal.

Para outros jornalistas, a surpresa foi ainda maior. Para consumar todas as demissões no mesmo dia 29 de fevereiro, a Ediminas, empresa proprietária do Hoje em Dia, empreendeu uma verdadeira

*Mediação do Ministério do Trabalho entre o Sindicato dos Jornalistas e o jornal Hoje em Dia, em 2013*

caça aos dispensados, num assédio jamais visto na imprensa mineira e certamente raro em qualquer tipo de negócio. Jornalistas foram procurados em casa, em dia de folga e até em gozo de férias.

## ASSÉDIO E CALOTE

Executado de forma atabalhoada, o plano patronal teve falhas. Quando o passaralho foi deflagrado, a editora Adriana Carvalho Diniz, que trabalhava no jornal desde 1989, já tinha ido embora. A Ediminas enviou na mesma noite uma funcionária à sua casa, carregando o aviso prévio para assinatura, mas a moça se confundiu diante do interfone e não conseguiu localizar o número do apartamento da jornalista. Quando chegou para trabalhar no dia seguinte, Adriana já sabia, pelo whatsapp, que estava na lista e se dirigiu ao RH. Foi coagida a assinar o documento de dispensa datado da véspera, mas não assinou. "Não permitiram que eu fizesse a ressalva de que estava assinando no dia primeiro de março", contou a jornalista.

O diagramador João Carlos Souza de Jesus estava de folga naquela segunda-feira e também foi procurado em casa. A funcionária do jornal interfonou, ele desceu e ela pediu que ele assinasse um documento: era sua demissão. "Eu sabia que o jornal tinha sido vendido, mas não esperava ser demitido, muito menos desse jeito", disse. O fotógrafo Luiz Henrique Costa, há 22 anos no jornal, tinha trabalhado no domingo 28, folgava na segunda-feira 29, e no dia seguinte entraria em férias, mas também foi procurado em casa: "A partir de agora você está demitido, me disse a moça", contou Luiz.

Cristina Barroca Rodrigues viveu um dos mais escandalosos casos de assédio. Ela completaria quatro anos no jornal em agosto. Repórter do portal, mas também produzindo para o impresso, Cristina tinha horário pouco comum: entrava às 6h e saía às 14h. No dia 29, trabalhou normalmente, ninguém a procurou, ela bateu o ponto e foi embora. No dia seguinte chegou às 6h, bateu o ponto de entrada e trabalhou normalmente. Ela tinha conhecimento

*Assembleia de jornalistas do Hoje em Dia em outubro de 2014*

foto JACKSON ROMANELLI

das demissões no dia anterior, mas, como o diretor de Jornalismo dissera aos dispensados que todas as demissões aconteceriam naquele dia, por causa da data-base da categoria, Cristina ficou surpresa ao ser chamada ao RH, por volta das 9h. Lá, uma funcionária lhe comunicou sua demissão e entregou-lhe um papel para assinar.

"Quando vi a data, 29 de fevereiro, eu disse que havia um erro, porque estava sendo demitida no dia 1º de março", contou Cristina.

A funcionária lhe respondeu que sua demissão já estava configurada desde a véspera.

"Eu argumentei que estava sabendo da minha demissão naquele momento, tanto que tinha ido trabalhar normalmente."

A funcionária chamou a advogada da empresa, que veio com outra argumentação: "Você já pensou na possibilidade de voltar a trabalhar aqui? A empresa pensa em voltar com alguns dispensados". A mensagem transmitida pela advogada era de que, se ela colaborasse, isso a ajudaria numa possível recontratação, mas a jornalista não se intimidou.

Diante da sua recusa, Cristina foi levada para outra sala, mais uma funcionária foi chamada e a pressão continuou.

"A advogada disse que as duas funcionárias assinariam como testemunhas. E ditou um texto que foi anotado à mão na demissão, dizendo que era de conhecimento do setor que as demissões seriam feitas no dia 29. Eu disse que não concordava com nada daquilo e exigi que constasse que minha demissão estava sendo feita no dia 1º de março", contou Cristina, que possui uma cópia do documento. "Tenho também os registros do ponto do dia 29 e do dia 1º", acrescentou.

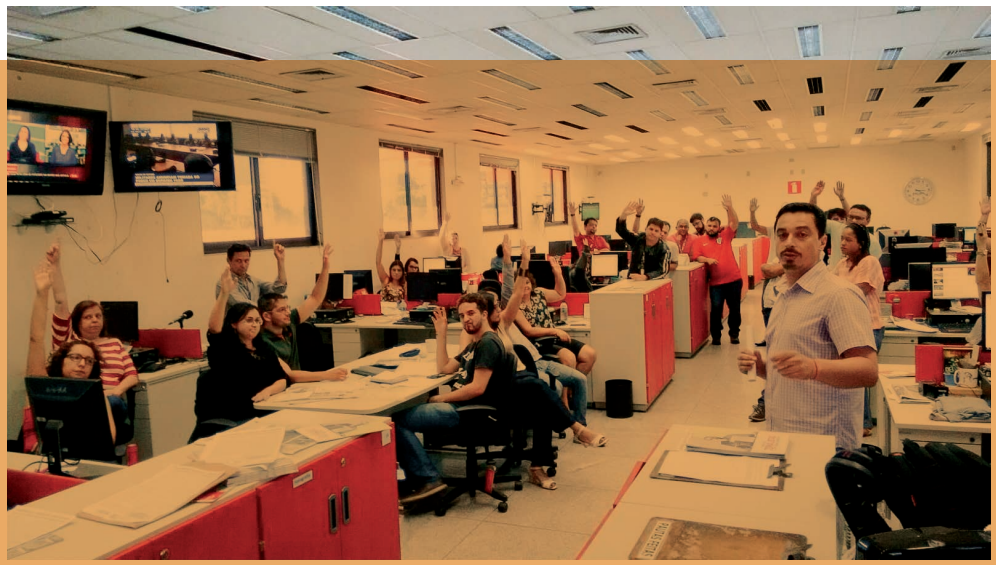
Significativamente, depois disso, conforme registraram em fotografias jornalistas que trabalharam naquele dia, o relógio de ponto foi desligado.

"Naquele dia eu fui a primeira a ser demitida, porque chegava cedo", ressaltou Cristina.

Os jornalistas dispensados questionem critérios. "Quando vi colegas como Igor e Patrícia Dumont sendo demitidos, concluí que o critério não era competência e achei que tinha chegado a minha vez", observou Ledenilse Magalhães, conhecida entre os colegas como Lady. "Demissão é assim mesmo, não tem que discutir", ponderou Igor. "Acho natural, isso acontece todos os dias", concordou Cristina Barroca.

O que eles não esperavam é ter de cobrar na justiça por seus direitos trabalhistas. "Um jornal que preza sua credibilidade devia pensar como trata os direitos dos seus empregados", explicou Cristina. "Se a empresa quer mandar embora, manda, mas paga, não deixa o funcionário na rua, sem receber. Trabalhei até o último minuto, trabalhei feriados, plantões, domingos, e não recebi nada. Foi um calote", definiu Igor.

*Assembleia no jornal Hoje em Dia em setembro de 2015*



**R$ 500**

Os acontecimentos dos dias 29 e 1º seriam uma antecipação do que viria a seguir. Por solicitação do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais, a Superintendência Regional do Trabalho e Emprego (SRTE) marcou em caráter de urgência uma reunião de mediação com a empresa para o dia 4 de março. Na reunião, representantes da empresa não garantiram o pagamento dos salários até o quinto dia útil nem das verbas rescisórias, limitando-se a repetir a mesma frase: "Vamos cumprir todos os trâmites legais".

Uma nova reunião foi marcada para o dia 7 de março e a empresa se comprometeu a apresentar a data do pagamento das rescisões e o comprovante do pagamento dos salários. Os salários não foram pagos, mas na nova reunião a empresa apresentou um cronograma de homologações e firmou o compromisso, registrado em ata, de pagar os salários juntamente com as rescisões. As homologações foram marcadas para os dia 10, 11 e 14 de março, quinta, sexta e segunda-feira, 12 trabalhadores por dia, na sede do Sindicato, por ordem alfabética.

Na primeira homologação, às 9h, a editora Adriana Diniz ficou pasma: a Ediminas propunha lhe pagar a quantia de R$ 500! Não aceitou, evidentemente. A proposta seria repetida para os demais dispensados, que também a recusaram.

"Foi um desrespeito", disse o fotógrafo Luiz Henrique Costa, que trabalhou 22 anos na empresa. "Acerto de R$ 500? Eu tenho mais de R$ 90 mil para receber!", protestou, indignado. Seu colega e ex-editor Marcelo Prates reagiu da mesma forma. "Vê se R$ 500 é rescisão. É brincadeira. Não depositaram as multas, o salário, nada. R$ 500 e pronto", disse, chateado com a empresa na qual trabalhou quase 18 anos. "Foi um deboche oferecer R$ 500 em troca da rescisão", resumiu a repórter Cristina Barroca. "Aproveitaram da vulnerabilidade dos funcionários que perderam o emprego e ficaram sem nenhum dinheiro", disse. "Eu queria receber o que tenho direito de receber e que ganhei com meu suor. E viver a vida em paz."

*Trabalhadores do Hoje em Dia em assembléia na porta do jornal em fevereiro de 2016*

*Jornalistas em assembleia na redação do Hoje em Dia em fevereiro de 2016*

## DIAS DIFÍCEIS

Sem receber o salário de fevereiro, sem a rescisão, sem acesso ao FGTS e nem ao seguro desemprego, os trabalhadores dispensados pelo Hoje em Dia tiveram suas vidas profundamente afetadas. "Paguei as contas de fevereiro com a reserva que tinha, agora não tenho mais nada", contou João Carlos em meados de março. Sem perspectivas de um novo emprego imediato, ele tentava diminuir seus gastos, negociando o pagamento da escola do filho e um desconto no curso de inglês. "Escola, aluguel, banco, ninguém quer saber se eu fui demitido, todo mundo quer receber", comentou, acrescentando que tinha uma despesa nova: juros bancários. "Sinto-me roubado", resumiu.

Igor Guimarães também sobreviveu o primeiro mês com suas economias. Depois vendeu apartamento, por um preço muito abaixo do que poderia vender, e está pagando aluguel; sua intenção é montar um negócio. "Eu vinha me preparando para mudar de profissão, por causa da crise. Subitamente fiquei sem um centavo. Se tivesse recebido o acerto, faria a transição com o dinheiro, mas não pude sacar nem o FGTS nem receber seguro-desemprego", contou, considerando uma sorte não ser casado nem ter filhos.

Cristina Barroca se considera em situação privilegiada, porque tem um marido que trabalha. Ela também teve que mudar a comemoração do aniversário de dois anos da sua filha. "Já tinha agendado metade dos gastos, tive de contar com ajuda dos meus pais", contou. "Pretendia colocar minha filha na escola no meio do ano e vou ter que adiar. Fiquei muito nervosa quando tive de tirar o dinheiro que estava economizando para o futuro dela", disse. Seu projeto de montar um blog de gastronomia também foi adiado, porque ele teve de cancelar a compra de equipamentos. "Sem salário, não tenho como tirar do orçamento da casa."

Adriana Diniz, que trabalhava no Hoje em Dia há 26 anos e cinco meses, viu-se de uma hora para outra sem dinheiro para pagar as contas da casa, que incluem despesas com duas idosas que moram com ela: sua mãe e sua tia, esta com graves problemas de saúde. Duas semanas depois da demissão, ela sobrevivia com ajuda financeira de um irmão, tinha contas atrasadas, cobradores ligavam e ela nem atendia telefone mais. Com 31 anos de formada e 30 de profissão, praticamente toda sua carreira foi dedicada ao jornal; quando ela entrou na empresa, sua filha tinha quatro anos, hoje está casada.

"Sinto-me humilhada, não é o fim de carreira que sonhei. É difícil, angustiante, tenho uma depressãozinha, minha filha é que me levanta, me dá injeção de ânimo", disse. "Está difícil levar o barco. Conto com a família e os amigos verdadeiros, formou-se uma rede bem bacana de ação e apoio."

O fotógrafo Luiz Costa também passou a contar com ajuda de parentes e amigos. Ele cancelou a viagem de férias e a festa de aniversário da filha caçula. "Eu ia fazer uma festa de 15 anos para ela, mas não vou poder", lamentou. "Foi um choque, pensei que pelo menos ia receber o acerto", disse.

Sem dinheiro, não pôde nem pagar o restaurante onde almoçava e teve seu crédito cortado. Passou a se alimentar de sanduíche e leite, levados pela irmã. Colegas colaboraram com uma cesta básica.

"Não tenho mais como comprar nada no cartão, fico em casa deitado. Minha televisão queimou, o gás acabou, a conta de luz está vencida", contou. Sem se alimentar direito e sem sair de casa, ficou deprimido e adoeceu.

"Isso é coisa de bandido, jogar mais de trinta famílias na rua, sem um tostão", avaliou, recordando histórias vividas no jornal. "Já levei até bala de borracha em manifestação, não esperava por isso."

## BEM ARQUITETADO

O comportamento da Ediminas fez seus ex-empregados sentirem-se humilhados e provocou a impressão de que todos os seus atos foram planejados para lesá-los. Embora os novos donos só fossem anunciados no dia 22 de fevereiro, as negociações, ao que tudo indica, começaram bem antes. O saite do grupo Bel, que relacionava as empresas do grupo, entre elas o Hoje em Dia, foi tirado do ar.

*Gráficos dispensados pelo Hoje em Dia ocupam a sede do jornal em janeiro de 2016*

"Tudo foi bem articulado, foram se desfazendo de bens, ocultando bens, venderam a gráfica, ficaram um ano sem depositar o FGTS, o adiantamento do dia 20 não foi feito", descreveu a repórter Cristina Barroca. "Parece que tudo foi bem arquitetado para lesar os trabalhadores. Só os funcionários foram surpreendidos e lesados. Uma falta de respeito."

Os primeiros lesados foram os gráficos. Em dezembro de 2015 a Ediminas decidiu se desfazer da sua gráfica e dispensou todos os seus 78 funcionários; desde então, numa situação esdrúxula, o jornal passou a ser rodado nas oficinas do rival O Tempo. Endividado com o concorrente e com a distribuidora, o jornal protagonizou um fato raro na imprensa: no dia 27 de fevereiro o Hoje em Dia não circulou. Embora tenha sido impresso, a distribuidora recusou-se a entregar os exemplares nas bancas enquanto a dívida não fosse paga.

Demitidos também subitamente, os gráficos  não receberam o salário de dezembro nem as rescisões. Em protesto, nos dias 11 e 12 de janeiro, fizeram manifestações na porta do jornal e chegaram a invadir a empresa em busca de uma resposta patronal, sendo recebidos pelo vice-presidente Tardeli. "Quando conversou com o sindicato, ele garantiu que o dinheiro para as demissões estava no bolso, mas agora diz que não tem dinheiro", reclamou José Aparecido Ferreira, diretor do Sindicato dos Gráficos.

A pressão deu resultado e a promessa de pagamento dos salários foi cumprida. Para receber a rescisão, no entanto, os gráficos tiveram de recorrer à Justiça do Trabalho.

Nas semanas que antecederam o passaralho, o clima no jornal estava diferente e os jornalistas ficaram apreensivos. "A empresa estava meio abandonada, o banheiro feminino ficou sem luz, faltava papel higiênico,

sabão líquido, o ambiente era de desleixo", lembrou Lady. "Era como se a empresa quisesse dizer: 'se virem'. A redação parecia um navio fantasma, abandonado."

Quando chegou 20 de janeiro, dia do adiantamento de metade do salário, prática antiga no jornal, o pagamento não saiu. A redação em peso foi ao vice-presidente cobrar explicação e ouviu como justificativa que a Ediminas tinha uma dívida com o banco pagador. Por isso, todo dinheiro que entrava na conta da empresa, como o pagamento dos salários, era usado para cobrir a dívida. O salário teria de ser pago de outra forma. O restante do pagamento também atrasou e os jornalistas passaram o carnaval sem ver a cor do dinheiro.

Procurado pelo presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais, Kerison Lopes, o vice-presidente Tardeli se comprometeu com o pagamento na quinta-feira 11/2, mas não cumpriu a promessa. Em protesto, os jornalistas pararam o trabalho durante uma hora, desceram em massa para a entrada do prédio às 16h e ficaram concentrados até as 17h. Deram prazo à empresa até o meio-dia do dia seguinte para efetuar o pagamento, caso contrário voltariam a parar.

"É um absurdo esse atraso, os trabalhadores têm compromissos a pagar e não podem ficar à mercê da empresa", protestou Kerison, na época, prevendo a realização de uma greve. Mais uma vez a pressão deu resultado. "O pagamento foi feito todo atrapalhado, teve gente que recebeu na sexta, gente que recebeu no sábado e gente que recebeu na segunda", lembrou Lady. Seria também o último pagamento feito pela empresa aos 36 jornalistas dispensados.

O ambiente continuou tenso e nebuloso em fevereiro, enquanto a empresa mudava de mãos. O administrador de empresas Luciano Resende apresentou-se como novo presidente da Edminas e, em reunião com a redação, tentou motivar os jornalistas, anunciando planos promissores. No entanto, novamente, no dia 20 o adiantamento não saiu. Ainda assim, os jornalistas continuaram cumprindo suas funções. No dia 29 trabalharam normalmente, preocupados com o horário de fechamento, sem saber que o deadline seria também o momento do passaralho. "Esperaram fechar o jornal, quando chegou o fim do dia nos dispensaram. Foi uma forma muito desrespeitosa", disse Lady.

## BLOQUEIO DE CRÉDITOS

Diante de tanto desrespeito aos direitos trabalhistas, só restou aos jornalistas e ao seu Sindicato apelarem para a Justiça. "Nestes tempos difíceis em que vivemos, o advogado do Sindicato tornou-se mais importante do que o presidente", observou o presidente do Sindicato, Kerison Lopes.

No começo de abril, a Justiça do Trabalho concedeu tutela de urgência a favor de jornalistas dispensados pelo Hoje em Dia, garantindo que eles tenham acesso ao seguro-desemprego e ao saque do FGTS depositado pela Ediminas. A decisão determinou

*Redação do Hoje em Dia para contra atraso de salário em fevereiro de 2016*

também bloqueio dos créditos da Ediminas no valor de R$ 1,8 milhão, decorrentes da venda do prédio em que funciona o jornal, no Bairro Santa Efigênia, para garantir o pagamento das rescisões dos contratos de trabalho.

A ação coletiva movida pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais, representando 24 dos 36 jornalistas demitidos, tem como réus, além da Ediminas, os atuais e antigos proprietários do jornal: Editora Minas – Eireli – ME, Rádio e Televisão Record S.A, Lucianne Rafaella Viana Tupinambá Rodrigues, Luciano Resende Martins de Souza, Ruy Adriano Borges Muniz e Tania Raquel de Queiroz Muniz.

A sede do Hoje em Dia foi vendida por R$ 18 milhões, em parcelas mensais de R$ 1 milhão. O Sindicato entende que a venda foi uma forma de burlar os créditos trabalhistas dos jornalistas dispensados. Ao deferir a tutela de urgência requerida pelo Sindicato, na forma do art. 300 do NCPC, o juiz Marcos Vinícius Barroso determinou expedição de ofício à J&F Empreendimentos S/A, empresa compradora do imóvel, para que faça o bloqueio dos créditos e deposite o valor em conta judicial até o limite de R$ 1 milhão 834 mil 119.

O juiz determinou ainda expedição de alvará para possibilitar o saque do FGTS, ofício ao Ministério do Trabalho e Emprego, para percepção das parcelas de seguro-desemprego, e intimação à Ediminas para que forneça os PPP (Perfis Profissiográficos Previdenciários) dos trabalhadores que fazem jus a ele, no prazo de cinco dias,

*Jornalistas dispensados pelo Hoje em Dia fazem manifestação na porta da empresa em março de 2016*

foto MARCELO PRATES

sob pena de multa de R$ 5 mil por PPP não fornecido. O PPP é um documento que contém informações detalhadas sobre as atividades do trabalhador, exposição a agentes nocivos à saúde e outras informações de caráter administrativo.

## O NOVO DONO

A cena correu o mundo como a imagem mais bizarra da chocante sessão da Câmara dos Deputados do dia 17 de abril, que aprovou o impedimento da presidente Dilma Rousseff. Ao deputada Raquel Muniz (PSD-MG) dedicou seu voto ao marido, Ruy Muniz (PSB). "Meu voto (...) é para dizer que o Brasil tem jeito, e o prefeito de Montes Claros mostra isso para todos nós com sua gestão". Na manhã do dia seguinte, 18 de abril, Ruy Muniz foi preso pela Polícia Federal, acusado de prejudicar hospitais públicos da cidade para favorecer um hospital privado da sua família.

O TEMPO
POLÍTICA
BELO HORIZONTE 11MAIO 16H5 16°
CAPA | SUPERFC | CIDADES | DIVERSÃO | INTERESSA | MAIS
Aparte | Política | Brasil | Economia | Mundo | TV | Galeria de Fotos | Você em
Especiais: Menino de abrigo | Padecendo | Além do Lixo | Elimine o mosquito | Ainda Há Lama | Um a
Games: Empire
Ruy Muniz é investigado por rombo de R$ 100 milhões
Deputado é alvo da Polícia Federal, Controladoria Geral da União e INSS
Fonte Normal | Mais Notícias | Recomendar 17 | Tweet | G+1 0

*Reprodução do jornal O Tempo: novo dono do Hoje em Dia já era investigado em 2008*

Ruy Muniz é o novo dono do jornal Hoje em Dia, segundo matéria publicada pelo concorrente O Tempo no dia 24 de fevereiro. "O prefeito Ruy Muniz (PSB) ainda não fez um comunicado oficial, mas seus indicados assumiram, na segunda-feira, os cargos estratégicos da Ediminas em Belo Horizonte", publicou o jornal. Nos dias, semanas e meses seguintes o comunicado oficial não foi feito, mas a informação não foi negada.

Ainda segundo O Tempo, o médico e empresário Ruy Muniz "é conhecido por ter adquirido instituições de ensino em estado precário, ter renegociado habilmente seus passivos empresariais e tê-las mantido em operação". Seu grupo empresarial, Associação Educativa do Brasil (Soebras), mantém 35 escolas, da educação básica ao ensino superior, em oito cidades mineiras e em Brasília, além de administrar o Sistema Promove de Ensino, a Escola de Engenharia Kennedy, a Faculdade Infórium de Tecnologia e a Fundação Hilton Rocha, um império com 105 mil alunos. Ao comprar o Hoje em Dia, o prefeito, que pretendia se candidar à reeleição, na eleição de outubro próximo, visava a voos políticos mais altos. "Muniz alimenta um ambicioso projeto que tem como alvo o governo de Minas", publicou o jornal.

Oito anos antes, Ruy Muniz mereceu extensa reportagem de O Tempo. Com o título "Ruy Muniz é investigado por rombo de R$ 100 milhões", o jornal revelou que as empresas de Ruy Muniz, então deputado federal filiado ao DEM, estavam sofrendo uma devassa da Polícia Federal (PF), Receita Federal, Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) e Controladoria Geral da União (CGU). Ele era "suspeito de ter montado um esquema criminoso que utiliza da filantropia em benefício próprio e de familiares". Contra Muniz e suas empresas existiriam mais de 200 processos judiciais e cinco inquéritos

da PF. "Ruy Muniz estaria preso se não fosse o foro privilegiado que o protege, já que é deputado estadual", publicou o jornal.

A matéria detalhou como as empresas do grupo Soebras sonegavam tributos aproveitando-se da sua condição de entidade filantrópica. Na prática, o grupo pertencia a Ruy Muniz e parentes, entre eles sua esposa, a atual deputada Raquel Muniz. "A entidade vem sendo administrada de fato pelo senhor Ruy Adriano Borges Muniz, embora ele jamais tenha sido, oficialmente, eleito para qualquer cargo", afirma o relatório citado na matéria.

O Sindicato tentou ouvir a Ediminas para esta reportagem. O diretor de Jornalismo retornou a ligação do Sindicato, mas explicou que só os novos proprietários poderiam responder. Encaminhadas por e-mail no dia 29 de março e reencaminhadas, as perguntas ao presidente Luciano Resende não foram respondidas até o fechamento desta edição.

# UMA TRAJETÓRIA **EXCEPCIONAL**

Situação excepcional entre veículos de comunicação no Brasil, que passam de pai para filhos, ao longo de séculos, o Hoje em Dia mudou de mãos três vezes antes de chegar ao empresário e político Ruy Muniz, numa história que mistura política, poder, dinheiro, religião e comunicação. "Ele é o quarto proprietário da Ediminas, fundada em 1988 pelo então governador Newton Cardoso, em resposta ao que ele considerava ser uma perseguição dos Diários Associados, especialmente do jornal Estado de Minas", publicou o jornal O Tempo na edição do dia 24 de fevereiro.

Curiosamente, o próprio O Tempo seria fundado em 1996 pelo empresário ítalo-brasileiro Vittorio Medioli depois que seus negócios foram alvo de reportagens do Estado de Minas. Antes, ele comprou o semanário Pampulha e depois lançou o tabloide Super, sucesso editorial que chegou a ser o diário mais vendido do país. Aglutinando outros veículos (O Tempo Betim, O Tempo Contagem), a Sempre Editora, com sede em Contagem, região metropolitana de Belo Horizonte, desbancou os Diários Associados da posição de maior empresa jornalística do estado.

Na oposição ao governador Newton Cardoso (1987-1990), fato raríssimo na sua história, o Estado de Minas vivia talvez sua melhor fase e a imprensa mineira começava um período de renovação, com criação de postos de trabalho e concorrência. A tarefa de fazer jornalismo num veículo do governador, atacado pela mídia e em luta com movimentos de trabalhadores, em especial o dos funcionários públicos, não foi fácil para os repórteres do Hoje em Dia.

"Eu ia à rua entrevistar funcionários públicos e tinha de convencê-los a falar com o jornal, porque não queriam dar entrevistas ao jornal do governador. A gente fez um trabalho

*Reunião no Ministério do Trabalho em março de 2016 após demissão em massa no Hoje em Dia*

de convencimento para conquistar credibilidade para o jornal", recorda Adriana Diniz, demitida depois de 26 anos na empresa. Ela começou como repórter, passou à pauta e chegou a editora; viveu muitas histórias bacanas, passou por quatro patrões e incontáveis passaralhos. "Um pedaço de mim se foi, mas por outro lado estou aliviada."

## GRUPO RECORD

Em 1991, depois de encerrado seu mandato, Cardoso vendeu o Hoje em Dia ao grupo Record, controlado desde 1989 pela Igreja Universal do Reino de Deus (Iurd), do bispo Edir Macedo. Proprietária também do semanário Folha Universal, o maior jornal em circulação do país, que chegou a imprimir mais de 2 milhões de exemplares, a Iurd tinha interesse especial na gráfica da Ediminas. Curiosamente, ainda em maio de 2016, quando a empresa já tinha mudado de mãos mais uma vez e nem gráfica possuía mais, a Folha Universal continuava sendo rodada pela Ediminas, conforme se podia ler no seu expediente.

Contando com uma equipe experiente e estável, durante mais de vinte anos o Hoje em Dia circulou com relativa independência editorial, embora agitada de tempos em tempos por mudanças na direção, planos mirabolantes e novos projetos gráficos. O jornalista Aloísio Morais, que trabalha no jornal desde a primeira edição, há mais de 28 anos, lembra de muitos planos apresentados pelos donos em diversos momentos. "Logo no começo, ainda na época do Newton Cardoso, um diretor disse que o jornal teria um avião para levar os exemplares a todos os cantos do estado", conta Aloísio. "Ele disse que o jornal ia se mudar para uma casa no bairro Belvedere, com piscina, quadra de esportes, seria praticamente um clube."

Quando o Grupo Bel assumiu, em 2013, o delírio se repetiu. Num evento em que foi servida comida de boa qualidade, os novos proprietários apresentaram seus planos para o jornal e afirmaram que tinham dinheiro para investir. "Eles disseram que tinham um terreno na Savassi, que iam colocar um telão, uma tevê virtual, montar uma central de jornalismo", recorda Aloísio. "Eles tinham muita expectativa de que Aécio Neves seria eleito presidente e Pimenta da Veiga, governador."

## GUINADA POLÍTICA

O Hoje em Dia entrou forte na campanha tucana, rivalizando até com o Estado de Minas. "O jornal sempre se vangloriou da liberdade de expressão, mas na última gestão fomos totalmente tolhidos", lembra Lady. "Do final de 2013 até a eleição, o apoio ao Aécio foi acintoso", acrescenta.

Essa guinada teve um custo editorial: o jornal, que tinha circulação estadual e cobria todas as regiões da capital, foi redirecionado para a chamada classe A, moradora dos bairros mais ricos de Belo Horizonte. A direção de redação determinou que a editoria Horizontes, que cuida de assuntos da cidade, contratasse apenas repórteres que moram na zona sul da capital.

"Esse nunca foi o público do jornal", comenta Lady. Ela avalia que foi cometido um erro atrás de outro, a começar pelo menosprezo ao leitor, aumentando o preço do exemplar, abandonando o interior e a periferia. "O jornal passou a fazer vista grossa ao que acontecia com os menos favorecidos", conta a jornalista. Por fim, uma consultoria contratada a peso de ouro deu seu diagnóstico: o jornal devia ser fechado.

A sugestão não foi seguida. Não faltaram também novos projetos gráficos. Seguindo uma tendência que atingiu muitos jornais, antes do fechamento, como o Jornal do Brasil, o Hoje em Dia tornou-se tabloide. Em 2012, ainda fazendo parte do grupo Record, passou por uma reforma gráfica, inspirada num modelo mexicano. Durou pouco: para marcar a nova linha editorial, o Grupo Bel encomendou à Greco Design um novo projeto gráfico. "Foi um projeto totalmente castrador", avalia Lady. "Foram gastos e mais gastos que não surtiram efeito."

# UM CASO DE PRÁTICA ANTISSINDICAL

No final de abril, o Tribunal Superior do Trabalho (TST) recusou recurso do jornal Hoje em Dia contra as decisões tomadas em segunda e primeira instâncias a favor do jornalista Aloísio Morais em ação de demissão por justa causa. Foi a quarta e definitiva derrota do jornal numa ação que começou após a eleição presidencial de 2014 e revelou aspectos de prática antissindical pela empresa, além de escancarar a guinada política do diário belo-horizontino.

Diretor do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais, do qual foi presidente em dois mandatos, e diretor da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), Aloísio Morais trabalhou no Hoje em Dia durante 27 anos, até ser afastado em outubro de 2014. A Ediminas tentou dispensá-lo por justa causa, alegando uso indevido de rede social.

Em maio de 2015 a ação foi julgada pela juíza Adriana Goulart de Sena Orsini, da 47ª Vara do Trabalho de Belo Horizonte, que determinou a reintegração do jornalista, "garantindo-lhe o pagamento de sua remuneração mensal, acrescidas todas as vantagens contratuais e legais". O jornal recorreu da decisão e, em outubro, o TRT MG confirmou a sentença por unanimidade. O jornal tornou a recorrer ao TRT MG e a decisão foi confirmada. Recorreu mais uma vez ao TST, que recusou o recurso.

Numa vitória da liberdade de expressão, que serve de referência para a comunicação na internet e em redes sociais, a Justiça do Trabalho considerou que Aloísio não cometeu falta grave ao compartilhar em rede social uma notícia que o próprio jornal havia publicado e que a tentativa de demissão por justa causa teve indícios de prática antissindical. O caso envolve a divulgação de pesquisa de intenção de voto feita pelo Instituto Veritá que acabou desmoralizada, em confronto com outras pesquisas e com o resultado das urnas.

Conforme ficou provado na defesa, feita pelo advogado Luciano Marcos da Silva, Aloísio tem reputação ilibada, goza de bom conceito dos colegas e em mais de 27 anos de trabalho jamais sofreu qualquer tipo de punição, além de ser líder sindical amplamente reconhecido. Está sendo punido duplamente pela empresa, pois foi afastado do trabalho e não está recebendo remuneração.

## O CASO

Aloísio Morais foi afastado no dia 31 de outubro de 2014. A Ação de Inquérito Judicial foi ajuizada pela Edminas S.A., proprietária do jornal, sob a alegação de que o jornalista teria publicado no Facebook, no dia 27/10/2014, três manchetes do jornal "com dizeres que denegriam a imagem do seu empregador". O jornalista foi acusado ainda de ter usado "a mesma rede social para publicar opiniões depreciando o jornal". Em vista do que considerou "falta grave" cometida pelo jornalista, a empresa usou o Art. 853 da CLT para suspendê-lo e instaurar inquérito, visando à rescisão do contrato de trabalho por justa causa a partir da data do ajuizamento.

A primeira audiência entre as partes foi marcada para 11 de dezembro de 2015 e adiada para 11 de maio de 2015. Em sua defesa, Aloísio Morais sustentou que não tem

*Aloísio Morais votando no 14º Congresso dos Jornalistas de Minas Gerais: reintegração por decisão da Justiça do Trabalho*

foto ALEXANDRE CARVALHO

responsabilidade pela repercussão nacional do questionamento da idoneidade da pesquisa de intenção de votos para presidente, em 2014, realizada pelo Instituto Veritá. Reiterou que "não há como associar uma crítica direcionada a certos institutos de pesquisa com a honra e a imagem da empresa para a qual trabalha". Conforme prova apresentada pela defesa nos autos, Aloísio limitou-se a compartilhar e comentar publicação feita pelo sociólogo Paulinho Saturnino no Facebook.

Na sentença da primeira instância, que acabou a juíza Adriana Orsini cita prova existente nos autos de que pesquisas realizadas pelo Instituto Veritá destoaram fortemente de outras pesquisas realizadas por institutos consagrados e conhecidos dos leitores, como Datafolha e Ibope. "Ao escolher como CAPA do jornal pesquisa destoante, assumiu o risco de provocar reações variadas de seus leitores, inclusive seus próprios empregados, como também que estas pessoas reagissem com perplexidade e fizessem comentários nas redes sociais acerca das divergências observadas."

**REDES SOCIAIS**

A juíza lembrou que o pluralismo político, bem como a liberdade de pensamento e de expressão são direitos previstos na Constituição brasileira. "Neste sentido, a utilização de rede social, ambiente notoriamente informal, para expressar críticas, seja a partidos, candidatos ou à imprensa, é mera decorrência do exercício dos direitos constitucionais e políticos de qualquer cidadão." Ela salienta que o comentário feito pelo jornalista no Facebook "foi breve e não foge à forma e ao conteúdo de inúmeros outros comentários publicados nas redes sociais ou nos próprios espaços disponibilizados pelos próprios jornais na internet, sendo nitidamente informal e despretensioso, em conversa social com seus amigos do Facebook".

O caráter informal e dinâmico das redes sociais possibilita aos participantes emitirem suas opiniões com agilidade e rapidez. "Atribuir gravidade máxima justrabalhista à expressão de pensamento, publicado em tal espaço de rede social, seria desconsiderar a realidade deste novo meio de comunicação, que possui como inequívoco diferencial o fato de ser um lugar informal e aberto à expressão de opiniões", afirma a sentença.

A juíza considerou ainda que o compartilhamento de foto com manchetes de três edições do jornal Hoje em Dia não configura falta grave que justifique "a ruptura de um contrato de trabalho de 27 anos de um empregado que é dirigente sindical". Ela acrescenta que foi o jornal "quem tomou a decisão de dar maior destaque aos institutos de pesquisa que apresentavam determinado candidato liderando a disputa eleitoral para presidente, o qual ao final saiu vencido".

Justificando sua decisão, a juíza cita a própria defesa da liberdade de imprensa feita pelo jornal. "Seria razoável supor e defender que a liberdade de expressão seja não apenas defendida, mas garantida aos seus próprios empregados com o mesmo ardor", observa. Mesmo durante a ditadura, lembra a juíza, os tribunais do Trabalho não consideravam as convicções políticas e ideológicas do empregado como justa causa de demissão.

"Com amparo no texto constitucional, a jurisprudência trabalhista brasileira considerou nula a despedida de empregado, porque verificada com autêntica restrição ao princípio de liberdade de expressão, garantido no art. 5º, inciso IV da Constituição da República de 1988, e determinou a reintegração do empregado", diz a sentença.

A juíza relembra que, segundo depoimento de colegas de trabalho, o jornalista goza de respeito e consideração de todos e vê na ação do jornal uma prática antissindical. "Quando o requerente se volta com virulência desproporcional ao ocorrido e em tratamento incompatível, o tema da discriminação pela condição de um sindicalista, defensor de estabilidade provisória que gera limite à fruição do poder empregatício, não pode passar ao largo do caso dos autos, devendo ser enfrentada", afirma a sentença.

***PS: DESRESPEITO PUNIDO***

*No dia 14 de abril, o presidente do TST, ministro Ives Gandra da Silva Martins Filho, confirmou a sentença da Justiça do Trabalho em Minas, garantindo a Aloísio Morais. Com isso, a decisão transitou em julgado, o que significa que o Hoje em Dia não poderá mais recorrer e deverá reintegrar o jornalista, além de lhe pagar remuneração mensal, todas as vantagens contratuais e legais do período em que está afastado do trabalho. No dia 15 de junho, o jornal sofreu novo golpe com a sentença proferida pelo juiz Daniel Chein Guimarães, da Justiça do Trabalho em Minas. Ele condenou a Ediminas, Ruy Muniz e mais sete sócios ou ex-sócios da empresa – a deputada Tânia Raquel de Queiroz Muniz, esposa de Ruy Muniz, Editora Minas Eireli ME, Rádio e Televisão Record, Luciano Resende Martins de Souza, Lucianne Rafella Viana Tupinambá Rodrigues, Flávio Jacques Carneiro e Antônio Carlos Tardeli – a pagar direitos trabalhistas aos jornalistas Ana Lúcia Gonçalves e Leonardo Vieira Morais. Ana e Leonardo trabalhavam na sucursal do jornal em Governador Valadares e foram dispensados sem justa causa no dia 18 de abril de 2016. A ação foi estimada em R$ 180 mil. Foi a primeira sentença nas ações movidas pelos jornalistas demitidos em massa pelo jornal e também a primeira a atingir Ruy Muniz, cujo nome não aparece nas empresas das quais é proprietário.*

# PARA ONDE VÃO AS MULHERES NEGRAS

MARIANA LACERDA E
SIBELE FONSECA

Desde as jornadas de junho de 2013, com o aumento das mídias alternativas e a união com o despontamento das novas tecnologias, o jornalismo vem sendo debatido em busca de novas configurações. O ambiente acadêmico procura estimular reflexões a respeito das narrativas jornalísticas, problematizando a forma como o jornalismo se relaciona com o Outro. Diante disso, nos perguntamos: como podemos elevar a qualidade da comunicação com uma linguagem ainda carregada de nuances racistas e machistas?

Com as cotas raciais, o número de universitários negros vem crescendo de forma exponencial. Segundo estudos da Rede Angola, o aumento foi de 230% nos últimos 10 anos, mas será que depois de formadas essas pessoas estão ocupando o mercado de trabalho? Em atividade há mais de 30 anos, Eneida da Costa, produtora da TV Assembleia de Minas Gerais (ALMG), relata: "Nunca tive uma colega de profissão negra". As perguntas que persistem são inúmeras. Onde estão as jornalistas negras? Na gritante ausência, quem escreve sobre elas?

O Brasil é o segundo país com a maior população negra do mundo, ficando atrás apenas da Nigéria, porém a tentativa de recobrar os nomes no jornalismo brasileiro termina sempre escassa, fazendo o vaivém entre Maju, Glória Maria e Heraldo Pereira, do canal Rede Globo, e Joyce Almeida, do SBT. A experiência é diferente quando os nomes em questão são de jornalistas brancos, porque a lista é tão grande, que a resposta mais curta é "inúmeros". A discrepância é enorme e denuncia como o passado escravocrata ainda permeia o cotidiano.

De acordo com a autora Chimamanda Adichie, poder é a habilidade de não só contar a história de uma outra pessoa, mas de fazê-la a história definitiva daquela pessoa. O poeta palestino Mourid Barghouti escreve que se você quer destituir uma pessoa, o jeito mais simples é contar sua história e começar com "em segundo lugar". Nossos debates e reflexões devem aumentar, buscar e ajudar a construir dados, estatísticas a respeito dessa temática e desconstruir tais valores tão arraigados em nossas vidas.

Não foi possível hesitar quando apresentadas com a oportunidade de desenvolver um trabalho que traça esses fatores e que pode contribuir para a discussão com novos números e a perspectiva de jornalistas negras que vivem o peso dessa realidade. Assim, estamos trabalhando com o levantamento de dados sobre a presença das mulheres negras nas redações, na esperança de adicionar ainda mais substância à discussão.

*SIBELE FONSECA e MARIANA LACERDA são alunas do último período de jornalismo no Centro Universitário UNA e fazem Trabalho de Conclusão de Curso sobre a presença de mulheres negras nas redações de Belo Horizonte.*

# CAROS COLEGAS

POR

**SYMPHRONIO VEIGA**

foto CLÁUDIO CUNHA

*No final da década de 50, a equipe da Revisão do Diário de Minas trabalhava na Avenida Guaratã, no Carlos Prates, junto das Oficinas. Redação, Publicidade e Administração funcionavam no 4º andar do edifício nº 150 da Rua Carijós, Centro. No início da década de 60, o DM mudou-se para a Praça Raul Soares, juntando todos os seus setores. Naquela época, o próprio dono do jornal, Otacílio Negrão de Lima, administrava presencialmente a empresa e tinha Oswaldo Nobre como diretor. O chefe de redação era Guy de Almeida, que formara nova equipe de editores e repórteres. Na foto do Arquivo V&V, a equipe de revisores daquele tempo: da esquerda para a direita, em primeiro plano, Antônio Rabelo de Oliveira e Alcindo Ribeiro; atrás, de gravata, Maurílio Quintanilha, Paulo Vieira de Oliveira – o careca PVO – e Breno Neves; de pé, Joaquim Soares e Elias Maboub. O chefe era João Goulart, que não aparece na foto. (Este telefone preto de parede, à direita, marca Eletric, tinha o número 2-5503.)*

## COLUNISMO SOCIAL

"O Jornal do Carlos Cunha é lido diariamente por 72 mil brasileiros classe 'A' dos mais importantes setores de atividade do País." Esta é a apresentação do boletim de notícias divulgado pela internet pelo antigo colunista social do Diário de Minas. Carlos Cunha lembra que o que publica é "tudo top" e que o jornal circula há 4 anos e possui mais de 3 mil edições.

Em seu livro (500 páginas) "Vaudeville, Memórias", o mundano carioca Ricardo Amaral diz que o colunismo social surgiu no Brasil em 1941 e o primeiro colunista foi Manuel Bernardes Muller, o Maneco, que assinava a coluna com o nome Jacinto de Thormes. Depois vieram Ibrahim Sued, com "Em sociedade tudo se sabe", em O Globo, e Zózimo Barrozo do Amaral, no Jornal do Brasil.

Em BH, Wilson Frade marcou época no jornal Estado de Minas e também no Diário da Tarde, onde assinava coluna com o nome de Rohan. Durante décadas Wilson Frade manteve-se fiel ao Estado de Minas, tendo sido substituído por Sérgio Neves apenas em um pequeno período, quando foi trabalhar no Correio de Minas.

Exceção para pequenos jornais do interior, que mantêm ainda as colunas de badalação de pessoas vaidosas e ricas, os antigos colunistas sociais reformularam o conteúdo das informações, "escrevendo com graça, precisão, elegância e bom gosto". Entre estes, Mário Fontana, que começou no Diário de Minas, onde ganhou dos revisores a alcunha de "Pirula" e era tratado como Yves Montand pelas moçoilas admiradoras.

Outros jornalistas de destaque, que começaram como colunistas sociais em BH: Paulo Navarro, Cici Santos, Kátia Lage, Eduardo Curi, José Maurício, Anna Marina, Marcelo Rios.

## QUESTÃO DE PROVA

Uma empresa multinacional abriu um concurso, oferecendo uma disputada vaga para jornalista com salário nas alturas. Candidatos experientes compararam a prova de seleção ao exame vestibular à carreira de diplomata do Itamaraty.

Além de completo domínio de dois idiomas estrangeiros, sendo um o inglês, provas de conhecimentos gerais e questões sobre atualidade.

Na prova de Português, uma das questões foi esta: "Os dois contos de Mário que foram selecionados serão incluídos na coletânea. Pergunta-se: de quantos contos Mário é autor? Dois ou mais. Por quê?"

Para responder corretamente o candidato deveria saber adredemente se a frase era restritiva ou explicativa, opções sem ou com o uso de vírgulas, respectivamente. Então, a resposta correta seria esta:

Mário tem mais de dois contos, porque a frase é restritiva, sem o uso de vírgulas. Separadas por vírgulas em "que foram selecionadas", a frase passaria a ser explicativa e, no caso, Mário seria autor de apenas dois contos.

# COMO ESCREVER LEGAL

Antigamente, o aluno concluía o curso primário conhecendo o necessário e o suficiente da Língua Pátria para falar e escrever corretamente. Já no curso ginasial, eram poucos os que não dominavam as regras de gramática. Assim, os erros cometidos por falta de conhecimento de concordância, regência e grafia eram insignificantes, raros. Nas décadas de 50 e 60, por exemplo, os profissionais mais antigos e tarimbados nas redações de jornais tinham pouco trabalho na correção dos originais que desciam "penteados" (copidescados) para os linotipistas nas oficinas. Que o digam o então chefe de redação do Diário de Minas, Milton Fernandes, e o secretário Urias Botelho ou o copy Fernando Dias Correia e o chefe de reportagem Fernando Roquette Reis, da Folha de Minas, ou, ainda, o circunspecto Odair de Oliveria, ex-secretário do Estado de Minas. No quadro de avisos da redação, eram afixadas as anotações da correção dos textos. Como estas:

- 'Falir' é um 'verbo defectivo. No presente do indicativo só apresenta a primeira e a segunda pessoa do plural: nós falimos, vós falis.

- Algures é um advérbio de lugar e quer dizer 'em algum lugar'. Já alhures significa 'em outro lugar'.

- Ancião tem três plurais: 'anciãos', 'anciães', 'anciões'.

- Não existe aterrisar. O certo é aterrissar, com dois s.

- Ainda se vê muito nas entradas a expressão bem vindo e/ou benvindo. As duas estão erradas. Deve-se escrever 'bem-vindo', com hífen, quando se referir à saudação de chegada.

- Pouca gente sabe, mas o plural de caráter é 'caracteres'. João é um bom-caráter, mas os dois irmãos dele são dois maus-caracteres.

- 'Você não bebe a champanhe. Bebe o champanhe'. É palavra masculina.

- E ainda tem gente que teima em dizer rúbrica, em vez de rubrica, com a sílaba bri mais forte que as outras. 'Escreva e diga sempre rubrica'.

- 'A pronúncia certa é disenteria', e não desinteria.

- Não devemos dizer estadia em lugar de estada. Portanto, a minha estada no Rio de Janeiro durou dois dias. Mas a estadia do navio em Porto Alegre demorou três dias. Portanto, 'estada para permanência de pessoas, e estadia para navios e outros veículos'.

- É frequente se ouvir no rádio os entrevistados dizerem: Há muitos 'anos atrás...' Talvez nem saibam que estão construindo uma frase redundante. Afinal, há já dá idéia de passado. Ou se diz simplesmente 'há muito anos...' ou 'muitos anos atrás...'

- O certo é 'a libido', feminino. Devo dizer: 'Minha libido' hoje não tá legal.

- Alguns dizem 'magérrima', 'magríssima', mas o superlativo de magro é 'macérrimo'.

- Não tenho 'nada a ver' com isso, e 'não haver' com isso.

- Toda vez que usar o 'verbo gostar' tenha cuidado com a ligação que ele tem com a preposição de. Ex: a coisa de que mais gosto é passear no parque. A pessoa de que mais gosto é minha mãe.

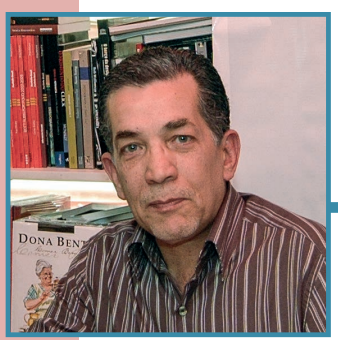
- É chato, pedante ou parece ser errado dizer quando eu 'vir' Maria, darei o recado a ela. Mas esse é o emprego correto do 'verbo ver' no futuro do subjuntivo. Se eu o vir, quando eu o vir. Mas quando é o verbo vir que está na jogada, a coisa muda: quando eu 'vier', se eu 'vier'.

- Só use 'quantia' para somas em dinheiro. Para o resto, pode usar 'quantidade'. Veja: Recebi a quantia de 20 mil cruzeiros. Era grande a quantidade de animais no meio da pista.

- Fique atento: só empregamos 'São' antes de nomes que começam por consoante: 'São Mateus', 'São João', 'São Tomé', etc. Se o nome começa por vogal ou h, empregamos 'Santo: 'Santo Antônio', 'Santo Henrique' etc.

# CURITIBA, 1953: POR MAIS ESPAÇO PARA AS MULHERES

PAULINHO ASSUNÇÃO



*PAULINHO ASSUNÇÃO é escritor e jornalista com mais de dez livros publicados, entre ficção, biografia, poesia, crônica e infantojuvenil. Seu mais recente é "Verbetes para um dicionário afetivo", lançado este ano em Lisboa pela Editorial Caminho, em conjunto com os angolanos Ondjaki e Ana Paula Tavares, e o português Manuel Jorge Marmelo.*

Atrás de fatos, atos, eventos, acontecimentos, entre os mais iluminadores desta saga que constitui os 70 anos do SJPMG e os 50 da Casa do Jornalista, li alguns documentos do V Congresso Nacional que teve lugar em Curitiba, em 1953, material que, por seu teor, encontra-se hoje no acervo da Polícia Política guardado pelo Arquivo Público Mineiro (APM).

Para quem não sabe, o congresso seguinte, o VI, foi realizado em Belo Horizonte, em 1955, do qual saiu uma declaração que ainda hoje, em régua e compasso, permanece atualíssima, por trazer como fundamentos os grandes (e inegociáveis) princípios da liberdade de expressão, da defesa da democracia e de condições dignas para o exercício da profissão.

A incursão nesses documentos tinha como propósito saber o peso da delegação mineira no congresso, naquele momento em que o SJPMG era presidido por Cid Rebelo Horta. Uma delegação composta por nada menos do que 30 profissionais.

E a boa surpresa – os arquivos sempre embutem boas surpresas – foi uma carta-declaração assinada por 14 delegadas de todos os estados ali presentes. Entre elas, a mineira Maria Luiza Ramos, que se tornaria mais tarde professora emérita da Faculdade de Letras da UFMG, mestra de Teoria da Literatura, responsável pela formação de gerações e gerações de brilhantes nomes nessa área.

O primeiro dos cinco itens da carta (o quarto não está numerado) é uma homenagem a Violante de Bivar e Velasco (1816-1874) – nome grafado pelas signatárias como Violante Bivarla –, colaboradora e depois dirigente do Jornal das Senhoras, fundado no Rio de Janeiro pela argentina Joana Paula Manso de Noronha (1819-1875).

Dois pontos, pelo menos, servem de pilares a esse documento. Um deles é o louvor às publicações que mantinham espaços para "a defesa dos direitos econômicos, sociais e políticos da mulher", representativos da luta a que a mulher devia se entregar por um mundo melhor.

Outro ponto é a condenação de toda e qualquer "literatura jornalística", incluindo histórias em quadrinhos, que disseminasse, especialmente entre crianças e jovens, ideias de superioridade racial, violência, pilhagem, roubo, assassínio e guerra.

Aos olhos de hoje, passados mais de 60 anos, a pauta ali defendida pode até soar um tanto reduzida ou restrita, mas que demonstrou um momento de mobilização digno dos melhores e mais efusivos aplausos.

LEGRAPHAR

# Nós fazemos livros

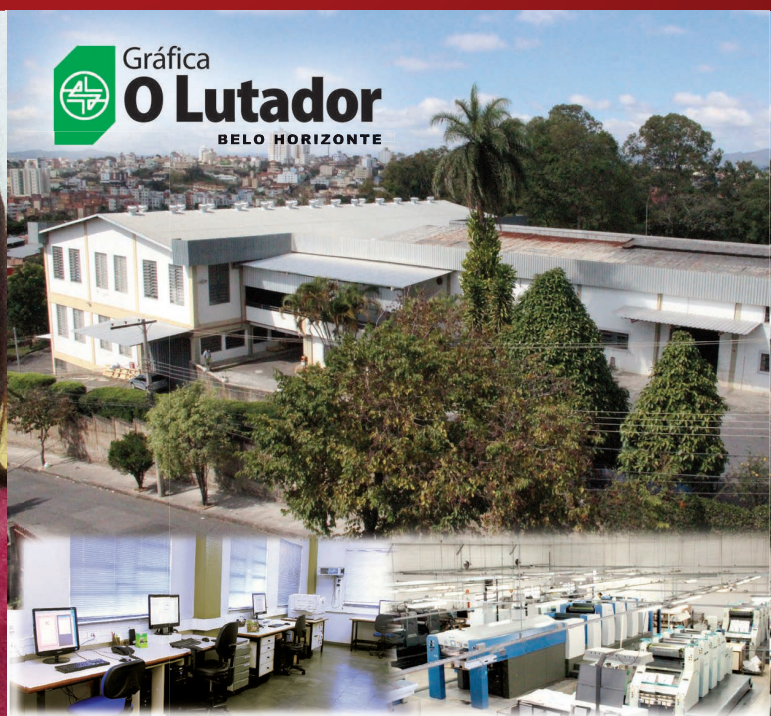
BELO HORIZONTE

OURO PRETO

Livraria & Editora Graphar
31 3552-3144 . 9 8488-5604

Rua Getúlio Vargas, 66A
Centro . Ouro Preto-MG

/Editora-Graphar
legraphar@gmail.com




**IMPRIMIMOS LIVROS, REVISTAS, JORNAIS E FOLDERS.**
**Faça o seu orçamento conosco. Atendemos todo o Brasil.**
**Na gráfica O Lutador - Belo Horizonte,**
**o seu sonho é impresso com qualidade!**

(31)3439-8000/3439-8001
vendas@olutador.org.br - www.olutador.org.br

Uma empresa do Instituto dos Missionários Sacramentinos de Nossa Senhora
Empresa Certificada - FSC®
e Druck Chemie Brasil Ltda

FSC
www.fsc.org
FSC® C107430
A marca do manejo florestal responsável

SINDICATO DOS

# 70 JORNALISTAS

anos

PAUTANDO A DEMOCRACIA